



DENISE CHRISTO DE SOUZA

**ENTRELAÇANDO OS FIOS DOS RASTROS MEMORIAIS DA RENDA DE BILRO:  
Um Diálogo Sobre o Imaginário Turístico de Florianópolis**

CANOAS, 2022

DENISE CHRISTO DE SOUZA

**ENTRELAÇANDO OS FIOS DOS RASTROS MEMORIAIS DA RENDA DE BILRO:  
Um Diálogo Sobre o Imaginário Turístico de Florianópolis**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles

Coorientação: Prof. Dr. Moises Waismann

CANOAS, 2022

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729e Souza, Denise Christo de.  
Entrelaçando fios dos rastros memoriais da Renda de Bilro [manuscrito] : um diálogo sobre o imaginário turístico de Florianópolis / Denise Christo de Souza – 2022.  
87 f.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2022.  
“Orientação: Prof. Dr. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles”.  
“Coorientação: Prof. Dr. Moises Waismann”

1. Memória. 2. Imaginário turístico. 3. Rastro memoriais. 4. Renda de Bilro. I. Telles, Tamara Cecilia Karawejczyk. II. Título.

CDU: 316.7

DENISE CHRISTO DE SOUZA

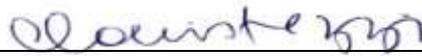
Tese aprovada para obtenção do título de doutora,  
pelo Programa de Pós-Graduação em Memória  
Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Carlos Alberto Tomelin  
Universidade do Vale do Itajaí



---

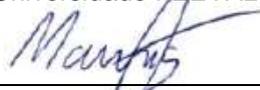
Prof. Dr. Clovis Trezzi  
Universidade La Salle, Canoas/RS

P/



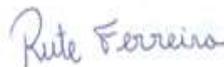
---

Prof. Dr. Mary Sandra Guerra Ashton  
Universidade FEEVALE



---

Prof. Dr. Mauricio Pereira Almerão  
Universidade La Salle, Canoas/RS



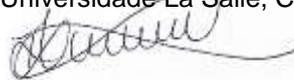
---

Profa. Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira  
Universidade La Salle



---

Prof. Dr. Moises Waismann  
Coorientador - Universidade La Salle, Canoas/RS



---

Profa. Dra. Tamára Cecília Karawejczyk Telles  
Universidade La Salle, Orientadora e Presidente da Banca

**Área de Concentração:** Memória Social

**Curso:** Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 30 de setembro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço e louvo por cada precioso milagre que o aprendizado proporciona em minha vida. Aceito a expansão da minha consciência, com a mais sincera gratidão a todos os que me inspiram, em especial:

Em primeiro lugar, ao Professor Moisés Weisman, meu orientador e querido amigo, que alheio à sua vontade, não pôde me acompanhar até o final desta tese. Como o mesmo falou: Teve que ficar “fora do combate”.

À Professora Eliane Cortez, minha querida amiga e motivadora, que me inspira e acompanha lá de cima!

Ao meu querido amigo Giovane Martins da Costa, que me deu forças e foi meu coleguinha no Doutorado. Se não tivéssemos começado juntos, eu provavelmente não teria chegado até aqui.

Gratidão aos demais Professores do Curso, podendo citar os que me deram aula no Programa: Professoras Zilá Bernd e Cleusa Graebin, com tanta experiência, energia e sabedoria, nas suas aulas, a melhor parte é ser ouvinte e ficar degustando seu saber. Agradeço à Professora Judite, com suas Jornadas do Mercosul..., Professora Lúcia, com sua arte da expressão, que muito me ensinou. Professor Arthur, Professora Malú, Tatiane, Patrícia Kayser e Professor Lucas Graeff, cada um que de alguma forma teve grande contribuição com o meu aprendizado, além de Professores de outras instituições, que nos deram uma e outra aula online, com o compartilhamento de muitos saberes. Lembro da aula sobre o Patrimônio Cultural da Humanidade, a Colônia do Sacramento, aula inesquecível.

E o agradecimento especial à Tamára Telles, que assumiu a minha orientação aos “48 minutos do segundo tempo”, ela que é também uma querida amiga e esposa de um grande homem, pai e parceiro, meu querido amigo Telmo, o tipo, como carinhosamente sempre nos chamamos nos corredores da IES. Até hoje tem alunos que perguntam se o meu tio está bem... Obrigada por fazerem parte da minha história! Tudo é como tem que ser!

Enalteço imensamente ao antigo Centro Universitário La Salle, onde tive a felicidade de fazer minha graduação e ter sido orientada no TCC pela Professora Rosana Roth e ter na minha banca de TCC, a querida Professora Silvana Filereno e o querido professor Luiz Carlos Danesi, que agora nos assiste de outro plano. Não vou citar todos os mestres que me inspiraram no período de graduação, mas não

posso deixar de citar também os queridos mestres e amigos André Stein e Márcio Michel. Foi nesta linda IES que também iniciei minha carreira profissional. Durante 16 lindos anos, convivi com a conquista do título de universidade e sou muito grata por ter feito parte deste processo de adequação, conforme as orientações do MEC. Foram diversas fases, reuniões, preparação e finalmente o título chegou e com ele a mudança da marca de Unilasalle para Universidade La Salle. Quanto orgulho eu sinto dessa evolução e quão feliz eu fui neste período ao lado de colegas fantásticos, entre eles, o querido Fábio Maia, Bugallo, Alexandra Krueel, Sabrito, Cristiane Duarte e a Daisy Guedes. Gratidão a todos vocês. Se eu esqueci de alguém, me perdoem, é o efeito tese.

Reconheço a importância da Roseli Pereira, Diretora de Marketing da Secretaria de Turismo de Florianópolis, que me mostrou o mundo das rendeiras e da cultura de Florianópolis, tão divulgada em sua rede social, onde conta com a participação da sua mãe, a Dona Diquinha. A Roseli desenvolve muitas atividades com as rendeiras e é “manezinha raix”.

Honro e agradeço à minha família, aos meus ancestrais e em especial aos meus pais, que me deram a vida, alimento e educação. Gratidão especial ao meu filho, Willian Porn, parceiro de todos os momentos, o maior amor da minha vida!

Outro agradecimento especial ao meu companheiro, Celso Luis Santolin e meus enteados, Camila e Luis, que me apoiaram de todas as formas, para que eu pudesse chegar ao final desse curso, bem como meus sogros, que me deram muito mais que carinho, cuidado e atenção.

Agradeço aos funcionários da Santolin Seguros, que me deram muita força e muitos sorrisos, nos dias mais atribulados, dizendo que tudo daria certo. São um pouco meus filhos também!

Está feito! Está feito! Está feito!

*Muito se mantém das velhas formas e heranças relacionadas a essa prática, as rendeiras repetem o velho hábito de trançar fios e hisrias, desde muito jovens, mantendo esta atividade por toda uma vida, portanto existe um alto nível de especialização nesta atividade, contudo, historicamente, há uma incompreensão do valor material e imaterial existente nesses fazeres e saberes. (GANEM, 2013. p. 86).*

## RESUMO

Essa tese consiste em um estudo sobre a identificação de rastros memoriais da formação de imaginário turístico de que Florianópolis é uma cidade de cultura de base açoriana, tendo como sujeitos da pesquisa, as rendeiras praticantes da renda de bilro. Constatei que o artesanato ajuda a formar o imaginário turístico de Florianópolis como uma cidade de cultura de base Açoriana. Do ponto de vista da perspectiva teórica, abordei o campo da Memória Social, da Cultura e do Patrimônio, a fim de buscar os rastros memoriais da contribuição da Renda de Bilro, um ofício que ingressou na cidade junto com as mulheres imigrantes vindas dos Açores. Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, tendo como procedimentos metodológicos, a pesquisa documental e a pesquisa de campo. A coleta de dados iniciou nos documentos da Prefeitura Municipal de Florianópolis, com ênfase na Secretaria da Cultura, na Secretaria de Turismo e na Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), com foco em evidenciar a estrutura formal do Turismo de Florianópolis e nas leis municipais que mencionam a Renda de Bilro. Como instrumento de coleta em campo, foi utilizada a observação e as entrevistas não estruturadas. A análise dos dados coletados nas visitas às Associações de Rendeiras em atividade, um contexto social que envolve o trabalho feminino, a cooperação e as memórias trançadas de geração em geração. A colonização de Florianópolis tem origem na Ilhas do Arquipélago dos Açores, ilhas que teriam sido descobertas pelos portugueses, em 1427 e povoadas por originários das províncias meridionais de Portugal, seguidos por flamengos, os quais, não há registro, mas indícios de que foram os responsáveis por fazer com que a renda de bilro chegasse aos Açores. A presença açoriana na região de Florianópolis, devido às distâncias entre as comunidades, fez com que os hábitos e costumes trazidos, ficassem mantidos, justificando a preferência por determinados pontos de renda diferentes entre os bairros da ilha. As encantadoras mãos das rendeiras, que de canto em canto, cantarolando a cantiga ratoeira, vão tecendo um contexto social coletivo de que a renda de bilro é uma prática identitária das mulheres, também vão traçando a atualização de memórias e ressignificando o valor de suas tradições. Em Florianópolis, o presente tenta manter as lembranças de um passado açoriano do município, rememorando casos de sucesso dos casais que para cá vieram, assim como o esquecimento parece não lembrar do extermínio dos carijós que viviam aqui

há duzentos anos antes dos colonizadores açorianos. A renda de bilro, patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é exemplo de uma das preocupações propriamente humanas, a de fazer memória e em Florianópolis, essa memória compõe o imaginário turístico de que Florianópolis é uma Capital que têm, além de suas lindas praias, grandiosos jardins e renomada gastronomia, onde o visitante pode experimentar uma reprodução imaginária de estar em Portugal.

Palavras Chaves: Memória, Imaginário Turístico, Rastros Memoriais, Renda de Bilro.

## SUMMARY

This thesis consists of a study on the identification of memorial traces of the formation of the tourist imaginary that Florianópolis is a city of Azorean culture, having as research subjects, the lace makers who practice bobbin lace. I found that handicraft helps to form the tourist imaginary of Florianópolis as a city of Azorean culture. From a theoretical point of view, I approached the field of Social Memory, Culture and Heritage, in order to seek the memorial traces of the contribution of Renda de Bilro, a craft that entered the city along with immigrant women from the Azores. This study consists of a qualitative, exploratory and descriptive research, using documentary research and field research as methodological procedures. Data collection began in the documents of the Municipality of Florianópolis, with emphasis on the Secretariat of Culture, the Secretariat of Tourism and the Cultural Foundation of Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), with a focus on highlighting the formal structure of Tourism in Florianópolis and the laws municipalities that mention Billing Income. As a field collection instrument, observation and unstructured interviews were used. The analysis of data collected during visits to active lace makers' associations, a social context that involves women's work, cooperation and memories passed down from generation to generation. The colonization of Florianópolis originates from the islands of the Azores archipelago, islands that would have been discovered by the Portuguese in 1427 and populated by people from the southern provinces of Portugal, followed by the Flemings, who, there is no record, but there are indications that they were the responsible for making bobbin lace reach the Azores. The Azorean presence in the region of Florianópolis, due to the distances between the communities, meant that the habits and customs they brought were maintained, justifying the preference for certain different income points between the island's neighborhoods. The charming hands of the lace makers, who from corner to corner, humming the mousetrap song, weave a collective social context in which bobbin lace is an identity practice for women, also trace the updating of memories and re-signify the value of their traditions . In Florianópolis, the present tries to keep the city's memories of an Azorean past, remembering the success stories of the couples that came here, just as oblivion seems not to remember the extermination of the carijós that lived here two hundred years before the Azorean colonizers. The bobbin lace, intangible cultural heritage, transmitted from generation to generation, is an example of one of the properly human concerns, that of making memory and in Florianópolis, this memory makes up the tourist imaginary that Florianópolis is a Capital that has, in addition to its beautiful beaches, magnificent gardens and renowned gastronomy, where visitors can experience an imaginary reproduction of being in Portugal.

Key Words: Memory, Tourist Imaginary, Memorial Traces, Bobbin Lace.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Igreja do Bairro Ribeirão da Ilha, Florianópolis.....	14
Figura 2 – Rendeira, em 1955, Ratonas, Florianópolis.....	15
Figura 3 – Meninas Rendeiras, 1987, Florianópolis.....	16
Figura 4 – Cobertura do Largo da Alfândega, Centro de Florianópolis.....	23
Figura 5 – Exposição de peças no interior de um restaurante típico em Florianópolis.....	24
Figura 6 – Mapa da Renda, Florianópolis.....	25
Figura 7 – Renda de Bilro Artesanato Ribeirão da Ilha.....	44
Figura 8 – Mapa da origem das Rendeiras que chegaram à Florianópolis.....	45
Figura 9 – Almofada para confecção da renda de bilros sobre a estrutura de madeira.....	46
Figura 10 – Armazém da Renda no Mercado Público de Florianópolis.....	47
Figura 11 – Organograma da Secretaria da Cultura de Florianópolis.....	51
Figura 12 – Organograma da Secretaria do Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de Florianópolis.....	52
Quadro 1 – Para o embasamento da tese.....	55
Figura 13 – Representação do Quadro Síntese.....	57
Figura 14 – Reprodução do Registro do Contrato Assinado.....	61
Figura 15 – Relatório Final de Pesquisa.....	64
Figura 16 – Distribuição de ensino por polos.....	64
Figura 17 – Pôster da Sede das Rendeiras de Sambaqui.....	67
Figura 18 – Rendas de Bilro produzidas em Sambaqui.....	68
Figura 19 – Foto do Mural do Casarão Bento Silvério, na Lagoa da Conceição, Florianópolis.....	70
Figura 20 – Foto da Visita às Rendeiras em atividade no Casarão da Lagoa da Conceição, Florianópolis.....	72
Figura 21 – Foto do bonequinho que homenageia o Seu Dinho, Rendeiro.....	73

## SUMÁRIO

<b>1 TRANÇANDO OS BILROS.....</b>	<b>12</b>
<b>2 O ENCHIMENTO DA ALMOFADA.....</b>	<b>18</b>
<b>3 ENTRANDO NA RATOEIRA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Objetivos da pesquisa.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>29</b>
<b>4 RESSIGNIFICANDO O QUASE SIMBÓLICO.....</b>	<b>30</b>
<b>5 O TRIPÉ DE SUSTENTAÇÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>5.1 Memória Social e Rastros Memoriais.....</b>	<b>33</b>
<b>5.2 Imaginário Turístico.....</b>	<b>40</b>
<b>5.3 Economia Criativa/Artesanato/Renda de Bilro.....</b>	<b>43</b>
<b>6 JUNTANDO OS PONTOS - DELINEANDO A PESQUISA.....</b>	<b>50</b>
<b>6.1 Passo a Passo da Tramóia - Coleta de Dados.....</b>	<b>50</b>
<b>6.3 Análise dos Dados.....</b>	<b>53</b>
<b>7 ARTICULANDO OS CONSTRUCTOS DE MEMÓRIA, OS RASTROS MEMORIAIS E O IMAGINÁRIO TURÍSTICO COM A SÍNTESE NO FRAMEWORK.....</b>	<b>55</b>
<b>8 DE PIQUE EM PIQUE, JUNTANDO OS PONTOS ATRAVÉS DA IDENTIFICAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO, PARA IDENTIFICAR OS INCENTIVOS PARA A PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA RENDA DE BILRO..</b>	<b>58</b>
<b>8.1 As Leis Municipais - Incentivo à Formação do Imaginário Turístico Com o Auxílio da Renda de Bilro.....</b>	<b>58</b>
<b>8.2 O Contrato da FEPESE e da PETROBRÁS - Incentivo à Produção e Disseminação da Renda de Bilro.....</b>	<b>61</b>
<b>8.3 Relatório Final do Projeto Da FEPESE - Prestação de Contas do Projeto - Aparecendo os Rastros.....</b>	<b>63</b>
<b>9 ENTRELAÇANDO OS FIOS DOS RASTROS MEMORIAIS, IMAGINÁRIO TURÍSTICO E DA RENDA DE BILRO, PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO COLETIVO CULTURAL PARA O MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS.....</b>	<b>66</b>
<b>10 O ENXOVAL FEITO DE RENDA DE BILRO - ACHADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>76</b>
<b>11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>

## 1 TRANÇANDO OS BILROS

Ao começar a trançar os meus bilros, buscando compreender a contribuição da Renda de Bilro para a formação do imaginário turístico açoriano do município de Florianópolis, através dos rastros memoriais. Vou escrever em primeira pessoa, a fim de demonstrar com mais clareza o meu percurso e os achados da pesquisa.

A colonização de Florianópolis tem origem na Ilhas do Arquipélago dos Açores, que teriam sido descobertas pelos portugueses em 1427 e foram primeiramente povoadas por originários das províncias meridionais de Portugal, seguidos por flamengos, dos quais, não há registro, mas indícios de que foram os responsáveis por fazer com que a renda de bilro chegasse aos açores (WENDHAUSEN, 2015).

A cultura açoriana na região do Florianópolis, com a vinda dos colonizadores, contou com a habitação por povos também insulares, igualmente súditos da coroa portuguesa, que se comunicavam na mesma língua, com pequenas diferenças de sotaques, mas que foram habitar comunidades distantes, com dificuldades de comunicação entre elas, fazendo com que os hábitos e costumes trazidos, ficassem mantidos.

Não se extrai aqui, as dificuldades para o cultivo da cultura do trigo, cereal predominante nas lavouras de açores, em seus solos férteis devido à origem vulcânica dos terrenos, que aqui não existiam. Os terrenos arenosos e os manguezais não favoreceram o cultivo do trigo e os imigrantes se obrigaram a mudar a base da sua alimentação para a farinha de mandioca.

O município da Capital de Santa Catarina, Florianópolis, contém a maior extensão do seu território na parte insular e uma parcela menor, na parte continental. É distribuída entre o mar e as encostas dos morros e sua paisagem urbana guarda ainda muito do aspecto arquitetônico colonial açoriano. No município de Florianópolis, o panorama pesquisado pelo IBGE apontou que em 2021 existiam 516.524 habitantes e evidenciou que em 2019 o salário médio mensal era de 4.5 salários mínimos, contendo 65.8% das pessoas ocupadas. No que se refere aos salários mínimos das pessoas ocupadas, Florianópolis ocupava a posição 11ª de 5570 e, em relação à quantidade de pessoas ocupadas, ocupava a 19ª posição de 5570 cidades e ainda, segundo a pesquisa, em 2019 o IDH de Florianópolis ocupava a primeira posição no estado de Santa Catarina, com índice de 0,847, seguida por Balneário Camboriú, com

índice 0,845 e Joaçaba 0,827. A consulta foi realizada em 28/04/2022. (BRASIL/IBGE, 2022).

De acordo com o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal-IFDM, que teve como data base o ano de 2016 e foi publicado em 2018, disponível no site da FIRJAN, Florianópolis ocupava a terceira posição no Estado de Santa Catarina, na análise de Emprego e Renda, ficando atrás apenas de Joaçaba e Balneário Camboriú. No ranking nacional, Florianópolis ocupava a 27ª posição entre as cidades. No desdobramento do IFDM, Florianópolis apresentou a melhor performance em saúde, com índice de 0,9233, educação de 0,8839, demonstrando nestas áreas um Alto Desempenho. Já no quesito emprego e renda, o índice era de 0,7680, ou seja, Desempenho Moderado (FIRJAN, 2018).

O IBGE, na Pesquisa de Informações Básicas Municipais, Suplemento de Cultura - 2014, no quesito Principais objetivos da política municipal de cultura, aponta que a cidade de Florianópolis demonstrou que define objetivos que possam garantir a sobrevivência das tradições culturais locais, quanto ao quesito ocorrência de Programa ou ação de promoção do turismo Cultural, define objetivos para divulgação de atrações e divulgação de festividades/eventos e quanto ao quesito Grupos Artísticos Existentes no Município, a cidade evidenciou que possui grupos de Artesanato.

Segundo Alexandre e Reche (2017), o Estado de Santa Catarina apresenta uma diversidade cultural influenciada pelos costumes e tradições das culturas indígena, alemã, italiana, polonesa e açoriana. A Cultura Açoriana foi inserida em Florianópolis inicialmente pelos Bandeirantes e depois, pelos primeiros casais enviados com autorização do Rei Dom João V, a fim de povoar a costa estratégica para a navegação que ocorria entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata. Sua inserção é datada de 1739, quando foi criada pela Coroa portuguesa, a Capitania de Santa Catarina. Entre 1747 e 1753, Santa Catarina passou a receber navios vindos das ilhas centrais de Portugal, das ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial e mais uma pequena parcela de oriundos da Ilha da Madeira. Neste período chegaram ao litoral catarinense mais seis mil pessoas (CUNHA, 2016).

Afirma ainda, o autor, que estes grupos sociais trouxeram seus hábitos e costumes, formas arquitetônicas de fabricação das residências, a culinária, a música, o artesanato e a linguagem. Passados mais de 270 anos do processo migratório para

Florianópolis, ainda hoje se identificam vários traços de originalidade da cultura trazida pelos colonizadores açorianos (CUNHA, 2016).

O Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é responsável pela manutenção desta cultura e adota o conceito determinado pelo historiador Vilson Farias: “cultura de base açoriana”. Segundo o historiador: é uma cultura fortemente marcada pela religiosidade que perpassa pelo folclore, lendas e mitos, literatura popular, hábitos e costumes, artesanato, arquitetura, brincadeiras infantis, até mesmo na gastronomia originária no Arquipélago do Açores (CLETISON, 2015).

A reprodução da cultura trazida de Portugal fica evidenciada na arquitetura, como por exemplo, a Igreja do bairro Ribeirão da Ilha:

Figura 1 – Igreja do Bairro Ribeirão da Ilha, Florianópolis



Fonte: Própria autora, em maio de 2021.

Estas representações preservadas, evidenciam a importância das atividades culturais para a economia do turismo na cidade e entre elas, se percebe a relevância da renda de bilro, uma cultura artesã folclórica, que a cada dia parece estar representando mais e mais a cultura de Florianópolis frente ao turista.

Abordei este estudo porque encontrei nele similaridade com a minha busca sobre a construção do imaginário turístico da cidade de Florianópolis, a partir da produção da renda de Bilro, um produto criativo, tanto na forma, quanto no fabrico,

dominado por melhores, em um aprendizado do fazer que é passado de geração em geração e também é produzido para encantar os turistas.

Na Biblioteca de fotos do IBGE encontrei esta foto, de uma mulher produzindo renda de bilro em Ratonés, do ano de 1955:

Figura 2 – Rendeira, em 1955, Ratonés, Florianópolis



Fonte site do IBGE.

Soares (1987, p. 19), afirma que: “A arte das rendas de bilro é a mais singela das tradições populares do Brasil, mas por falta de compreensão e de apoio está condenada a morrer no interior de pequenas moradias espalhadas à beira mar”. Ao escrever a afirmação, o autor se referia à simplicidade das rendeiras e lamentava o fato da desvalorização de tão belo trabalho.

A seguir reproduzo a imagem, extraída da obra desse autor, um estudioso do folclore de Santa Catarina, folclore esse habitado bruxas, lobisomens, assombrações e crenças centenárias, onde aparece uma menina muito jovenzinha, produzindo renda. Abaixo da imagem tem uma reflexão do autor, sobre as perspectivas futuras:

Figura 3 – Meninas Rendeiras, 1987, Florianópolis



Conseguirá esta jovem preservar as maravilhas do artesanato, abrindo melhores e mais seguras perspectivas futuras?"

Fonte: SOARES, 1987, p. 19.

Segundo Soares (1997, p. 59), “as rendeiras de 30 e 40 mantinham-se ligadas às origens de fazer renda e cantarolar a ratoeira, cantiga que também faz parte da herança lusa, que a cultura açoriana, legou aos seus filhos catarinenses”. Constatei que a ratoeira, música e dança praticada pelas rendeiras, é considerada como uma brincadeira de roda, que prevê versos rimados e certos movimentos praticados predominantemente pelas mulheres da comunidade, que cantam histórias de amor ou de sua origem familiar.

As encantadoras mãos das rendeiras, na Ilha de Florianópolis, que de canto em canto vão tecendo um contexto social coletivo de que a renda de bilro é uma prática identitária das mulheres, também vão traçando a atualização de memórias e resignificando o valor de suas tradições.

As rendeiras mantêm a tradição de se reunirem em espaços de convivência, onde compartilham experiências no entrelaçar dos fios, contam suas histórias, aprendizados e, entre permanências, alterações, adaptações ou exclusões de memórias de um tempo, em que era comum se ouvir dizer que os homens faziam redes e as mulheres faziam rendas, vão entrelaçando novas histórias.

Com os colonizadores trazidos para Florianópolis, vieram alguns tipos de pontos, que no cruzar dos bilros dão origem a rendas diferentes umas das outras. Durante as visitas ao campo, percebi que existem comunidades que produzem mais

um certo tipo de renda do que outro e as rendeiras relataram que se trata de uma cultura de fazer, passada de geração em geração e que confeccionam aquela que lhes é ensinada desde cedo.

Estes rastros memoriais sinalizados aproximam o objetivo do Curso de Doutorado em Memória Social, o impacto positivo na sociedade, com os sentimentos expressados na união das rendeiras, de que quando se juntam para produzirem as rendas, ficam muito mais felizes e conseguem trabalhar melhor. O Programa de Doutorado possui três linhas de pesquisas e a com a qual me identifiquei foi a Linha 1, da Memória, Cultura e Identidade, onde há a interpretação e compreensão de fenômenos naturais, com ênfase nas representações e imaginários, migrações e diversidade das formas de ocupação; a análise de territórios, conflitos e movimentos socioambientais.

O meu estudo contempla o passado vivido pelos imigrantes e seus aspectos estão em duas bases, a da imaginação, ligada ao fantástico, ao possível, e a outra, ligada à lembrança, à realidade anterior, trazida para o agora, para a vida na capital. Entender que Florianópolis, a capital litorânea brasileira de cultura de base açoriana, é definida pela imagem que se forma de rastros memoriais, imaginações e esquecimentos que envolvem a formação do povo que habita a zona litorânea de Santa Catarina, que foi obrigado a se adaptar a uma geografia muito diferente da sua de origem, que impactou na alimentação, conviveu com as dificuldades políticas e sociais, se misturou com outras etnias e viu o nome da cidade mudar para Florianópolis, dado em homenagem ao General Floriano Peixoto, o mesmo que mandou executar diversos habitantes inocentes na época da Revolução Federalista, na ilha de Anhatomirim. Este contexto configura a oportunidade de pesquisa na Linha da Memória, Cultura e Identidade.

## 2 O ENCHIMENTO DA ALMOFADA

Ao iniciar essa pesquisa, eu nem fazia ideia da importância da almofada na feitura da renda, depois, descobri muito mais, inclusive que havia uma época em que ela era enchida com palha de bananeira, macela, capim do campo ou com um arbusto, chamado barba de velho. O enchimento da almofada varia de acordo com o local, a época, a prática na lavoura local, etc e para que uma renda fique bem tecida, o enchimento da almofada tem que ser bem farto e firme. Ao justificar o interesse pelo estudo, preciso mostrar o que há por dentro da minha almofada, o que me trouxe até aqui.

A reflexão sobre a minha trajetória, preciso buscar meu início na academia. Avaliando esse começo, algumas constatações me levaram a perceber um vínculo muito além do acadêmico e profissional com a Unilasalle. Foi no então, no Centro Universitário La Salle, que em 2005 eu concluí minha graduação em Administração de Empresas com Habilitação em Comércio Exterior, tendo ficado com sólidas amizades com professores e colegas. No meu Trabalho de Conclusão da Graduação, a Monografia, se deu com o objetivo de estudar a viabilidade de internacionalização de uma empresa de móveis estofados por intermédio de uma estratégia competitiva ligada à produção, de acordo com os padrões de design universal, uma técnica de fabricação que visa produzir peças que possam ser usadas, com conforto ergonômico, por um número maior de pessoas. Foi muito gratificante pesquisar uma técnica que tem como base atender a um número maior de pessoas e para definir tais medidas, na época haviam estudos restritos, feitos com soldados e com pessoas já falecidas.

Dando sequência à minha carreira acadêmica, junto com alguns ex-colegas de curso, passei a fazer uma especialização em Gestão Empresarial e em seguida ingressei no Mestrado em Engenharia de Produção, no qual me dediquei a estudar um instrumento para diagnóstico do uso da ecoeficiência em empresas produtoras de móveis estofados, a partir de um modelo validado e adotado por empresas na Nova Escócia, no Canadá. Estudei a possibilidade de adaptação do modelo à realidade das empresas alvo do meu estudo e fiz a validação para ser utilizado por outras do mesmo segmento.

Mantendo sempre o contato com a minha ex-professora e coordenadora do curso de Administração do La Salle, minha querida amiga Eliane Cortez (In memoriam), que havia identificado em mim um potencial para a docência, tendo me

chamado para substituir um professor que tinha saído da instituição no meio do semestre, iniciei minha trajetória como professora no Centro Universitário La Salle, faculdade em que eu tinha me formado na graduação.

Como docente da Área de Gestão e Negócios, tive a oportunidade de lecionar diversas disciplinas, tais como Gestão de Vendas e Operações, Empreendedorismo e Inovação, Planejamento Comercial, Tópicos Especiais do Varejo, Teorias da Administração, Pensamento Estratégico, Prática Interdisciplinar I e II e diversas Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso.

Em minhas aulas sempre procurei proporcionar integração, discussão e aprendizado coletivo, com a aplicação de algumas dinâmicas, que até hoje me conectam com ex-alunos, por estarem ainda presentes em suas memórias. Durante as dinâmicas, sempre que possível, procurei reunir alunos de outras turmas, por meio das parcerias sólidas com colegas do curso, que se nutriam do mesmo método. Entre as atividades, ficaram inesquecíveis as rodas inesquecíveis do “*Shark Tank* da Aula de Negociação”, nas quais adaptamos a metodologia do programa de TV à nossa realidade e objetivos, trabalhando diversas áreas do conhecimento em ritmo de cooperação e competição e tivemos trabalhos incríveis, de alunos que hoje fazem sucesso em seus postos de trabalho. Teve a inesquecível Feirinha de Marketing, na qual fez imenso sucesso a “Coxinha no Copo”. Outra atividade que a minha memória trouxe agora foi uma aula de negociação, onde fizemos uma rodada de negociações para a solução do problema causado pelo Rompimento da Barragem de Mariana, ocorrido há anos e com diversas famílias sofrendo com os danos financeiros, sociais, físicos e emocionais tão severos e que motivaram tanto a pesquisa e as discussões durante a sala de aula. Fico emocionada lembrando das minhas aulas.

Nas orientações de incontáveis Trabalhos de Conclusão de Curso, tive a oportunidade de conhecer tantas histórias de empresas familiares, tantos alunos profissionais empreendedores, dedicados a fazerem a diferença em suas empresas e empregando seus conhecimentos em prol disso. Lembrei de um aluno que um ano após formado veio até mim mostrar que o projeto que a gente tinha desenvolvido no seu TCC, havia dado certo e que ele estava com a empresa implantada e atingindo seus objetivos. Que realização pessoal!

Em 12 anos de docência na Instituição, tive a honra de ser convidada inúmeras vezes como Professora Homenageada ou Parainfa das formaturas, o que me enchia de orgulho e satisfação pessoal. É um momento mágico poder estar junto dos alunos

no dia mais importante de sua graduação, para muitos, o dia em que trazem a família para conhecer o lugar onde estudaram e é extremamente gratificante ver os rostos dos pais, esposos, esposas, filhos, avós e demais familiares, cheios de orgulho do seu formando e poder acolhê-los provoca um sentimento muito gostoso, que dá motivação para querer melhorar mais a cada dia.

Ao longo deste período presenciei a conquista do título de Universidade La Salle e passei a desejar também o meu aprimoramento. Particpei em 2018 do processo seletivo do Doutorado, com incentivo da instituição e motivada pelas viagens que fiz à Europa, África e Canadá, por meio da minha atividade profissional não acadêmica. Há mais de 30 anos eu atuo na área de Prestação de Serviços, diretamente na área consultiva de seguros, vendendo uma promessa, uma apólice de seguros, que normalmente o cliente compra para não usar, mas tem que ter confiabilidade de que irá funcionar quando ele precisar. Buscando uma analogia, seria a imagem que o cliente tem quando viajava, buscava vivências e experiências para compartilhar com os alunos e sempre fiz isso com muita alegria e com o objetivo de fazer nascer em cada um a vontade de ter as experiências que eu havia tido.

Nestas viagens, cada vez mais, eu fui conhecendo e me interessando pelas diversidades e heranças culturais, o que me levou ao encontro do Doutorado Acadêmico em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. No início do curso, tive alguma dificuldade por conta da minha formação e interesses de estudo, até então, muito focados em questões mais objetivas, ligado aos negócios do varejo e à administração de empresas, sempre com foco em resultados, o que é comum nas ciências sociais aplicadas, uma lógica de problema – pesquisa – solução.

Quando comecei o estudo neste curso interdisciplinar, no primeiro semestre falando na aula de cultura, diversas vezes eu me questionava, onde será que este estudo vai chegar? Qual será o resultado da pesquisa? Que mudança poderemos propor com esses conhecimentos? Me preocupava com a entrega do construto que iria solucionar um problema específico.

Estudando a cultura de rituais religiosos, por exemplo, eu me perguntei: Por que estudar essa questão em um Doutorado? Por que estudar dessa forma? Eu esperava uma fórmula, uma metodologia ou um projeto que pudesse ser uma receita de bolo para a sociedade. Questões que com o avançar das aulas, foram me mostrando o quanto meu pensamento estava encarcerado naqueles formatos de obtenção de conhecimento. Aos poucos foram cedendo lugar para a compreensão da

importância do plano de fundo de tudo isso, que é a Memória Social, uma área de conhecimento que, em meu entendimento, subsidia a consciência do homem na sociedade, a sua relação com o passado e sua evolução, a partir da construção das suas memórias na conjuntura em que vive.

Ao decidir a minha área de concentração do estudo, avaliando a partir das relações entre memória, cultura, identidade, linguagem, espaço e representações sociais, optei por escolher esta linha que trabalha com conhecimentos básicos e aplicados, relativos à memória e suas relações com interpretação e compreensão de fenômenos, com ênfase no imaginário das formas de ocupar e habitar a cidade, isto porque, mudei de cidade e ao chegar em Florianópolis, me deparei com uma linda história, a história das rendeiras.

A renda de bilro, um artesanato tradicional da Capital de Santa Catarina, que possui em sua história, diversas vertentes culturais ligadas a grupos, à locais e a interesses sociais, chamou minha atenção. Entretanto, em função da minha formação e da minha área de interesse, eu optei por entender como este produto cultural é tão presente em todos os locais de grande fluxo de turistas em Florianópolis e acabei percebendo que se trata de um artesanato que está ligado ao imaginário turístico cultural de que Florianópolis é uma cidade de cultura de base açoriana, contribuindo para que o turista consiga experienciar ter estado em um local de cultura europeia tradicional.

### 3 ENTRANDO NA RATOEIRA

A cidade de Florianópolis, possui em sua essência, o turismo como negócio. Devido às suas mais de 40 praias, anualmente, no verão, a cidade atrai milhares de turistas em férias, que buscam além de outras formas de lazer, as águas cristalinas e o clima normalmente agradável da cidade.

Além de oferecer o turismo de praias, a cidade oferece em sua geografia, algumas lagoas com esportes aquáticos e diversos passeios ecológicos por trilhas e cachoeiras, possibilitando os esportes de descidas de dunas de areia, contando também com uma gastronomia bem servida, com diversos restaurantes, culinária diversificada, shoppings centers, teatros, cinemas, parques, museus e demais atrativos que uma cidade cosmopolita costuma oferecer.

A UNESCO agraciou a capital catarinense com o título de “Cidade Criativa na área de Gastronomia”. Florianópolis se tornou a primeira cidade brasileira a integrar um seleto grupo de 69 cidades da Rede Mundial de Cidades Criativas da UNESCO, que reconhece e apoia a criatividade como estratégia impulsionadora do desenvolvimento sustentável.

Em 2022, a capital de Santa Catarina, completou 349 anos de fundação e ela tem o turismo como destaque na sua economia. A cidade chega a receber, na alta temporada, o dobro da sua população em número de turistas. Segundo dados da Fecomércio SC<sup>1</sup>, em seu estudo sobre o impacto da Temporada de Verão 2022 para a economia do Município, foi evidenciado que o setor de Presentes e Souvenirs representou 8,8% dos gastos por turistas. Foram realizadas entrevistas em 554 estabelecimentos comerciais para chegar ao resultado da pesquisa.

Entre os gastos com presentes e souvenirs, encontra-se o valor destinado à aquisição das rendas de bilro, produto que além dos atributos comerciais, traz consigo muitas cantigas que vão tecendo os fios nas mãos das rendeiras, formando os rastros memoriais da tradição de fazer renda em Florianópolis.

Dentre estes locais, encontramos a Casa da Rendeira na Lagoa da Conceição, o Armazém da Renda no Mercado Público, a estrutura metálica de cobertura do Largo da Alfândega, cujo design consiste no desenho de uma renda de bilro. Estes espaços que nos remetem à colonização luso-açoriana, à essência humana, ao encontro de

---

<sup>1</sup>FECOMÉRCIO SC: Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Santa Catarina.

aspectos identitários com uma comunidade afetiva imaginada, promovendo a junção com aspectos intangíveis e históricos das comunidades da Ilha de Santa Catarina, entre tantas ofertas, possibilita viver uma experiência que remete tanto à natureza, quanto a essa imaginada cultura autóctone.

Figura 4 – Cobertura do Largo da Alfândega, Centro de Florianópolis



Fonte: Autoria própria.

A produção do artesanato, segundo historiadores, herdada dos hábitos das primeiras imigrantes vindas do Arquipélago dos Açores, que mudaram-se com suas famílias para Florianópolis, está em evidência, presente em vários locais turísticos, até na loja de souvenirs do aeroporto internacional da cidade.

A seguir imagem da renda, na almofada com os bilros, em exposição em um restaurante tradicional da ilha, situado no bairro Sambaqui, reduto de produção e cultivo da cultura de fazer renda.

Figura 5 – Exposição de peças no interior de um restaurante típico em Florianópolis



Fonte: Autoria própria.

Diversos locais focados em turismo e gastronomia, apresentam para os visitantes, a oportunidade de conhecer a renda de bilros, além de outras culturas também herdadas dos imigrantes.

Em Florianópolis é comum encontrar comércio e produção de renda em diversos locais turísticos. Com o auxílio da Fundação Franklin Cascaes e da Secretaria Municipal de Cultura, foi definido o Mapa da Renda, um posicionamento geográfico para a identificação de locais de produção, convívio e socialização entre as rendeiras. Verifiquei pela distribuição no Mapa, a presença das organizações de rendeiras no Bairro de Sambaqui, na Lagoa da Conceição, onde encontrei o Centro Cultural Bento Silvério, reaberto no dia do aniversário de 349 anos de Florianópolis, 23/03/2022, após passar por obras de revitalização. No bairro Santo Antônio de Lisboa e no Centro de Florianópolis, no Mercado Público Municipal, também há lugares para as rendeiras, além de praticamente outras duas dezenas de espaços de renda de bilro distribuídos no município.

No site da Prefeitura de Florianópolis, há o Mapa da Renda, assim apresentado (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2021):

Figura 6 – Mapa da Renda, Florianópolis



Fonte: Adaptado da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A fim de compreender sobre a relação entre a renda de bilro e a concepção do imaginário turístico, identifiquei as políticas culturais públicas que incentivam a produção e disseminação da renda de bilro em prol do entrelaçamento do imaginário turístico com as memórias de seu fabrico. Foram encontrados diversos Decretos, Resoluções, Regulamentos e Leis, destinados ao desenvolvimento do turismo, associados à promoção da Renda de Bilro.

A visita aos rastros memoriais contribuiu para a compreensão da renda de bilro em Florianópolis como uma variável de mágica e simbologia, que vem de uma

imaginação que considera o presente e o futuro, em seu meio social, trazendo o passado consigo. Ao visualizar os rastros memoriais do ofício de produzir renda de bilro, como um atrativo para o turista, compreende-se a formação do imaginário turístico de que Florianópolis, em uma visão multidimensional da cadeia do turismo, que considera os atores, os lugares e as práticas que a representam, ocupa o lugar de uma capital de cultura de base açoriana na visão que os indivíduos ou grupos de outros lugares, tem sobre a mesma. (VIA TOURISM REVIEM, 2012).

O imaginário turístico é produzido por populações do mundo inteiro e os intermediários do turismo jogam com os imaginários, buscando atrair os turistas para determinados territórios. Os profissionais do turismo há muito se consubstanciam com os imaginários, alimentando e retroalimentando-os, através das representações compartilhadas de imagens materiais, como blogs, filmes, vídeos, folhetos e também objetos artesanais e através de representações imateriais, lendas, contos, relatos, discursos e memórias.

A tese aqui proposta se deu com base na representação material do imaginário, através do artesanato da renda de bilro e da representação imaterial pela memória, que aborda os rastros do passado que estão vivos dos grupos sociais. Os rastros do passado correspondem ao imaginário de que Florianópolis é uma cidade de cultura de base açoriana e a aceitação desta característica pode ser percebida pelo esforço no ensinamento da produção da renda de bilro, de geração em geração.

Com a ampliação dos estudos de gênero, para pesquisas em outras áreas do campo dos Estudos Culturais, diversas pesquisas se dedicam a analisar a confecção das rendas de bilro em Florianópolis, uma tradição feminina que se perpetua na ilha, desde a chegada das colonizadoras açorianas.

Esta tese de Doutorado tem como delimitação do tema, analisar a contribuição da Renda de Bilro, para a formação do imaginário turístico açoriano do município de Florianópolis, através de rastros memoriais e das políticas públicas.

No caso da relação de Florianópolis com a Cultura Açoriana, se questiona por que a cidade que possui mais de 40 praias, trilhas, cachoeiras, diversões e esportes vários aquáticos, que por si só, já poderiam atrair os turistas, possui ainda, um parque tecnológico, que contribui para o turismo de pesquisa e negócios, busca manter vivos os costumes da cultura trazida com os colonizadores e busca compartilhar tais experiências com os turistas. Por quê? Qual a razão para Florianópolis querer que o turista se sinta em Açores, estando em Florianópolis?

Conforme Silva (2016) durante longo período, o legado da cultura açoriana não teve importância para a cultura de Santa Catarina, convivendo com a presença de outros imigrantes europeus, como alemães e italianos. Em tempos mais remotos, com a expansão do turismo, a urbanização e o interesse pela arquitetura preservada da cidade, não só as paisagens naturais, mas também a apropriação da cultura açoriana, que se expressa na culinária, com restaurantes e pratos típicos, nas festas, Festa do Divino, Terno-de-Reis e Boi-de-Mamão, além da figura típica do “manezinho da Ilha”, entram em um ritmo de mercantilização de atrações para o turista (SILVA, 2016).

Conforme Silva (2016), a cidade de Florianópolis, com a imagem de lindas paisagens naturais e excelente qualidade de vida, está sendo projetada como a “Beverly Hills” brasileira. Tal posto deriva de uma intenção mercadológica de apoiar o turismo e a especulação imobiliária. Atualmente quem nunca ouviu falar das lindas mansões e jardins fabulosos de Jurerê Internacional? Além desse atrativo, é crescente a importância da diversidade cultural e das diferenças étnicas, onde o patrimônio cultural e as tradições viram mercadoria e sua preservação e recuperação visam atender as necessidades deste mercado frente aos turistas.

Segundo o Estudo de competitividade de produtos turísticos<sup>2</sup>, publicado em parceria com o Ministério do Turismo e a FGV - Fundação Getúlio Vargas, em 2011, organizado por Luiz Gustavo Medeiros, que avaliou a competitividade de produtos em segmentos turísticos diferentes, definindo unidades de análise em cada segmento, sendo elas: Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Negócios e Eventos e Turismo de Sol e Praia, Florianópolis apareceu somente nesta última unidade de análise, com Jurerê Internacional pontuando como um produto indutor de destino dos turistas, em quarto lugar na preferência (BARBOSA, 2014).

Na mesma pesquisa, porém, realizada em 2014, elaborada com uma metodologia um pouco mais ampla, abrangendo 13 dimensões e diversas variáveis de análise, Florianópolis apareceu em décimo lugar no índice geral, tendo melhor desempenho em infraestrutura geral, com o segundo lugar, sexto lugar em serviços e equipamentos turísticos, terceiro lugar nas políticas públicas e décimo lugar em Aspectos Culturais. Esta posição demonstra que o turista, em 2014, não reconhecia

---

<sup>2</sup> O produto turístico pode ser considerado como o conjunto de bens e serviços consumido pelos visitantes em um determinado destino (COOPER et al., apud GOHR et al., 2009).

Florianópolis por seus atributos turísticos culturais, mas a procuravam pelo turismo de praia e sol.

De acordo com Santos et al. (2012), o turismo cultural acaba se tornando um turismo de massas, enquanto que o turismo criativo, presente na cultura de fazer renda de bilro, conta com a experiência da participação ativa do turista, tornando a visita mais interessante, levando consigo a aprendizagem do modo de vida das rendeiras, parte da população local.

Silva (2016), o interesse pela valorização e resgate da cultura açoriana em Florianópolis, foi conveniente ao turismo local, para fazer com que Florianópolis fosse uma capital com identidade mais brasileira e com culinária (mandioca, tainha e cachaça), festas típicas, arquitetura lusa, artesanato (renda de bilro), entre outras manifestações culturais de tradição açoriana, que em Santa Catarina se mantém mais presentes no imaginário dos turistas.

Como o artesanato da renda de bilro tem uma loja no Mercado Público da Cidade, está desenhada na cobertura do Largo da Alfândega, possui um dia comemorativo para a atividade da rendeira, por haver a Casa da Renda na Lagoa da Conceição, além de estar presente nas lojas de souvenirs da cidade, se torna interessante avaliar a influência deste produto artesanal de tão grande expressão, enquanto contribuinte para a economia do turismo, uma das principais fontes de renda do município.

Ao analisar a formação do imaginário turístico cultural de Florianópolis, pretendo avaliar sobre a ótica da necessidade que a cidade tem de manter a história da sua colonização como sendo a origem açoriana, sobressaindo essa às demais culturas. Para tal análise, vou estudar o produto cultural renda de bilro, enquanto contribuinte para a formação deste imaginário turístico cultural.

Em Florianópolis se apresenta a cultura açoriana, composta de hábitos alimentares, arquitetura, artesanato, culinária, etc., que parecem ser uma tentativa de reprodução da vida em Portugal. Diante deste contexto, é mister estudar a contribuição da renda de bilro para a formação do imaginário turístico de Florianópolis, por meio da compreensão dos rastros memoriais. Para esta compreensão, serão respondidos os seguintes objetivos:

### **3.1 Objetivos da pesquisa**

#### *3.1.1 Objetivo Geral*

Problematizar a contribuição da Renda de Bilro, para a formação do imaginário turístico açoriano do município de Florianópolis, através de rastros memoriais.

#### *3.1.2 Objetivos Específicos*

1. Discutir e articular os constructos de memória, rastros memoriais e imaginário turístico, num framework.
2. Identificar através das políticas culturais públicas do município de Florianópolis os incentivos para a produção e disseminação da cultura da renda de bilro.
3. Entrelaçar os fios dos rastros memoriais, imaginário turístico e da renda de bilro, para a construção do imaginário coletivo cultural para o município de Florianópolis.

#### 4 RESSIGNIFICANDO O QUASE SIMBÓLICO

Ao definir o campo de estudo e as palavras chaves, iniciei minha pesquisa bibliográfica junto a sites especializados em artigos científicos, sendo que na biblioteca da Universidade La Salle, acessando a partir da sua área virtual, a Biblioteca de Artigos da EBSCO, ao pesquisar as palavras “memória social” e “imaginário turístico”, buscando artigos científicos com textos completos em pdf e revisados por especialistas, do período de 2015 até 2021, surgiram 183 artigos.

A fim de ampliar a pesquisa de grande campo, me direcionei ao site de Periódicos da Capes, tendo encontrado um número expressivo de obras no campo de pesquisa.

A partir destes dois sites, consegui obter 24 obras que entendo auxiliarem para a elaboração desta tese.

As palavras chaves utilizadas inicialmente foram “memória social”; “imaginário turístico”; “patrimônio cultural”; “economia criativa” e “renda de bilro”.

Carvalho (2011), em sua obra *Lugar de Memória e Políticas Públicas de Preservação do Patrimônio: Interfaces Com o Turismo Cultural*, discorre sobre Patrimônio Cultural, Lugar de Memória e Turismo Cultural, abordando as possibilidades e dificuldades em transformar patrimônios populares em locais de visitação turística, admitindo o turismo cultural como fator de valorização da memória e identidade locais.

Ainda discutindo sobre a memória, encontramos a obra de Cabecinhas (2019), *Luso (Afonias). Memórias cruzadas sobre o colonialismo português*, onde, através de estudo focado junto à jovens universitários de países de língua oficial portuguesa, ela encontra um desalinhamento entre as memórias históricas dos jovens e as próprias memórias familiares, pesquisa que também contribui para o meu estudo, ao ponto que abordo a formação de mentalidades, que resultam no imaginário turístico cultural de Florianópolis.

Da mesma forma, bordando a questão da memória social, encontramos aproximação com o trabalho de Toth (2018), *Memórias do Café e da Imigração Italiana*, no qual ela aborda a transformação da memória individual em memória social e o esforço da valorização e prevalência para a cultura italiana, ainda que a cidade estudada tenha recebido imigrantes de diversas nacionalidades, há o esforço do aparelhamento institucional do estado em formar o imaginário de que aquele local é

um local de origem italiana. Neste ponto eu encontro a aproximação com meu estudo, pois Florianópolis recebeu casais de portugueses, em meio a indígenas, escravos e outras nacionalidades, e optou por criar o imaginário de ser a cidade mais portuguesa do Brasil.

Dos Santos (2013), na pesquisa intitulada *Necessidades de História: Os Usos da Memória na Construção da Cidadania Cultural*, ao analisar a dedicação dos Retratores da Memória de Porteiras, um grupo de jovens cearenses que resolveu sensibilizar a população local para a tomada de iniciativas frente ao cenário de desvalorização e perda das referências culturais do lugar, evidenciou a importância da gestão de uma memória que seja representativa da diversidade social e cultural da sociedade. Analisando o trabalho realizado na cidade de Porteiras, visualizo uma contribuição para o meu estudo, no momento em que me leva a refletir sobre a construção de memórias para a formação de um imaginário turístico cultural.

Silva, Bezerra e Nóbrega (2019), em seu artigo intitulado *Imagem e Imaginário como componentes da construção da Experiência Turística do viajante*, discutem como a experiência do viajante é alimentada por meio de imagens e imaginários do local, antes, durante e depois de sua viagem. Constatam que a imagem do destino turístico é influenciada pelas experiências compartilhadas entre os viajantes. Esta conclusão dos autores, vai ao encontro da hipótese pressuposta neste estudo, de que em Florianópolis, se encontra o imaginário de uma cidade de cultura Portuguesa e na imagem vai à experiência de culinária, arquitetura e artesanato de origem portuguesa, resultando em uma vivência em Portugal, estando no Brasil, que alimentará novos sonhos e desejos e fantasias.

Hickenbick et al (2021), em sua análise sobre a relação entre *patrimônio cultural imaterial e turismo em Santa Catarina*, afirmam que a patrimonialização de bens culturais têm demonstrado interesse em atender o mercado, a mercantilização, que impacta no turismo. Afirmam, com base na pesquisa junto às instituições responsáveis pela salvaguarda do patrimônio e de acordo com sua consulta à literatura especializada, que o turismo não se coaduna com preservação de patrimônio imaterial, porém, entendem que há práticas de visitação, turísticas ou não, que podem favorecer os bens culturais imateriais.

Santos e Silva (2016), contribuíram com minha pesquisa ao abordarem a arte popular criativa como oferta complementar ao *produto turismo cultural em espaço urbano*. Eu encontrei similaridades entre o estudo dos autores e a minha pesquisa

envolvendo a produção da renda de bilro na cidade de Florianópolis. Os autores estudaram a recriação de produtos culturais que estavam se perdendo na cultura da cidade de Loulé, em Algarve, Portugal, uma cidade que já foi romana e árabe, que costuma oferecer sol e praia e figura como importante destino turístico internacional, também percebe que o turista que se desloca em busca de conhecimento cultural não se satisfaz em ver o produto acabado, se interessa em ter a experiência do artesanato local, qual seja, ver o oleiro trabalhando na roda e de ser um consumidor de suas peças.

Em Florianópolis, há um esforço dos órgãos públicos e algumas organizações de cultura não governamentais, em estabelecer na cidade, a experiência da vida remota em Açores e dentre os produtos culturais incentivados, está em evidência a cultura da produção da renda de bilro, um artesanato produzido pelas mulheres (rendeiras), historicamente esposas dos pescadores, que teciam redes.

Analisando os autores pesquisados para a elaboração deste estado da questão, encontrei a hipótese que propus para o meu estudo, de que sim, há uma intenção de transformar a cidade de Florianópolis em um produto, fazer com que o turista deseje conhecer a capital catarinense e para tanto, buscam aproximar a sua cultura autóctone em uma cultura de base Açoriana. Para tanto, recorrem às memórias, à arquitetura, aos costumes e ofícios comuns dos açorianos. A busca da identidade Açoriana está tão presente, que outras culturas existentes na ilha, acabam despercebidas ou esquecidas, em prol da formação de uma cidade produto mercadológico.

## 5 O TRIPÉ DE SUSTENTAÇÃO

O tripé, que é a base onde a almofada vai apoiada, por muitas vezes, é facilmente substituído por uma cadeira, pelo chão da casa, pela mesa, até mesmo pelo próprio colo da rendeira. Essa fácil substituição não significa que o tripé não tenha valor e nem que ele possa deixar de existir, pois ele facilita muito o trabalho, quando bem compreendido seu uso, assim como os referenciais teóricos, se bem entendidos, nos levam a compreensões importantes acerca do cotidiano e das suas relações. A seguir, as teorias que embasam o estudo.

O Referencial Teórico, ou como conceitua Lakatos (2020), o embasamento teórico apresenta a fundamentação teórica da pesquisa, com seus respectivos conceitos empregados. O referencial teórico aqui desenvolvido busca direcionar tanto a pesquisadora como os leitores no entendimento das teorias de base, com foco na compreensão do entrelaçamento conceitual entre a Memória Social, Imaginário Turístico e a Economia Criativa, por meio da produção Artesanal da Renda de Bilro.

### 5.1 Memória Social e Rastros Memoriais

O estudar a memória apresenta uma dicotomia entre focar em estudar o que é a memória e o porquê de estudá-la. Fentress e Wickham (1992) afirmam que a memória penetra em todos os aspectos da vida do sujeito, pois está sempre operante no seu espírito, o que caracteriza a sua subjetividade.

Segundo Ellis e Hunt (1995), a memória é o coração do funcionamento intelectual humano. Ao tempo em que olha para o passado e abastece as culturas, a memória também apresenta uma variável de mágica e simbologia, que vem de uma imaginação que considera o presente e o futuro em seu meio social.

Pierre Nora (1993) defende o posicionamento de que a memória, sendo um fenômeno vivido no eterno presente, está em permanente evolução, numa relação dialética entre lembrança e esquecimento.

Segundo Dodebei *et al.* (2016), a memória é a expressão das crenças, normas ou ritos, que irão nortear nossas práticas sociais. A memória, portanto, não tem o compromisso de reproduzir o que nos é transmitido, ela permite a sua ressignificação a partir de interpretações e interesses de um indivíduo e do seu grupo social, responsabilizando-se pela atualização ou compartilhamento de culturas.

Halbwachs (1990) apresenta a memória subdividida em quadros sociais, que têm o pressuposto de manterem os valores de um grupo, os quais garantirão a coesão social deste. Ainda segundo o autor, é por meio da afetividade de um grupo ou comunidade afetiva, como ele denominou, que a memória coletiva irá fortalecer a identidade social. Atribui ao testemunho de recordações e lembranças de eventos do passado, a manutenção da memória de determinado grupo, bem como sua interação. Conforme Tedesco (2014), a memória coletiva geralmente se apresenta como resultante de um conjunto de representações de formas de viver de grupos sociais ao longo do tempo. Ela irá significar o processo de socialização e interação entre os membros do grupo e como eles se relacionam uns com os outros.

O estudo da Memória Social, diferencia-se dos tradicionais ao não se preocupar em postular uma identidade fixa, mas sim permitir um campo de estudo com mobilidade conceitual que transita entre mudar, adaptar e criar constantemente. Gondar e Dodebei (2005), no artigo intitulado O que é Memória Social, propõem quatro perspectivas conceituais sobre o campo.

**A primeira proposição é de que a memória social é transdisciplinar.** Esta abordagem assume que ao transpor áreas distintas do conhecimento, se obtém novas possibilidades conceituais, não se dedicando a identificar um conceito estático resultante. Esta proposição vem ao encontro do meu estudo sobre a ressignificação do imaginário turístico de Florianópolis, o que se dá com a participação de organizações das áreas de desenvolvimento econômico, social e cultural, cada uma com a sua significação e objetivos, mas com o plano de fundo objetivo de atrair o turista e fazê-lo consumir na cidade (GONDAR; DODEBEI, 2005).

Na segunda proposição, de que **o conceito de memória social é ético e político**, ou seja, o conceito de memória no presente, é uma função do pensar o passado em prol de um futuro desejado. Uma construção do passado, com vistas a objetivos futuros (GONDAR; DODEBEI, 2005). Nesta proposição, percebo, pela função da colonização por alguns casais açorianos, uma construção intencional de um passado com o propósito de demonstrar que a cidade de Florianópolis é uma cidade de cultura açoriana. Esta construção almeja que no futuro esta crença e o comportamento do presente, sejam capazes de atrair, cada vez mais, turistas em busca da experiência de viver em Portugal, estando em Florianópolis. Para tal configuração memorial, se percebe um esquecimento intencional de terem sido

enviados para Florianópolis os casais de cristãos novos, ou seja, os judeus portugueses. (MACHADO; NEVES, 2016)

A **memória como uma construção processual** é o que aborda a terceira proposição conceitual. Esta contempla o estudo do processo de compreensão da memória, não se atendo ao objeto e ao significado, mas sim ao método de significação. Este processo é uma construção grupal, cujo interesse está no método de configuração das memórias. Aqui pode-se perceber a importância das relações de poder e tempo, transitando entre as lembranças e os esquecimentos (GONDAR; DODEBEI, 2005).

Makowiecky e Cherem (2019) afirmam que nas iniciativas de Franklin Cascaes<sup>3</sup> encontram-se dois fatores identitários da ilha: o legado da cultura açoriana e sua denominação mesmo como Ilha da Magia e que estes dois fatores remetem ao patrimônio histórico local e à memória coletiva de um tempo passado que ele ajudou a preservar, identificando entre os costumes, a tradição de fazer renda de bilro.

Corroborando que a memória significa uma representação coletiva, se percebe que em prol do imaginário açoriano, há o compartilhamento não unânime de opiniões, havendo um distanciamento entre os manezinhos da ilha<sup>4</sup> e outros habitantes, já mais afastados da cultura originária dos Açores.

A quarta proposição conceitual de memória, segundo as autoras, afirma que a **memória social não se reduz à representação**. Gondar e Dodebei (2005, p. 23), afirmou que: “Se reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezamos as condições processuais de sua produção”.

Esta proposição admite a memória social como a resultante de um processo que transita entre grupos de interesses, onde a significação memorial é obtida conjuntamente com a vitória dos interesses dominantes.

---

<sup>3</sup>Franklin Joaquim Cascaes nasceu em 16 de outubro de 1908, em Itaguaçu, hoje bairro de Florianópolis e, à época, parte do município de São José, Santa Catarina. Manifestou desde cedo interesse pelas histórias e eventos da Ilha de Santa Catarina e arredores, registrando esse universo sob a forma de manuscritos, desenhos e esculturas. Assim se formou o conjunto que hoje se encontra sob guarda do MARquE, após doação em vida pelo próprio artista no ano de 1981, constituindo a coleção que leva o nome de sua esposa, Professora Elizabeth Pavan Cascaes. Cascaes faleceu em 15 de março de 1983. (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA, 2022).

<sup>4</sup>Manezinho da Ilha: Na Ilha de Santa Catarina, o termo “**Manezinho**” comumente é usado para denominar os moradores nativos. E essa identidade carrega, entre outras características, traços linguísticos distintivos que são facilmente perceptíveis e identificados pelos ouvidos de qualquer forasteiro como marcas identitárias (LACERDA, 2013).

A revista Morpheus, a revista eletrônica em ciências humanas, em 27/09/2019, apresentou cinco proposições conceituais para memória, segundo Gondar e Dodebei (2005), acrescentando que **a memória não se reduz a identidade**. Esta abordagem corrobora, em minha opinião, em parte, ao significado incluído na proposição de que a memória social não se reduz à representação, ao passo que também considera a questão dos interesses dos grupos sociais. Na memória social não representando a identidade, se observa que ela não tem o compromisso de representar determinado grupo, admite que por trás deste conceito coletivo, podem existir opiniões antagônicas, sucumbidas por forças dominantes, que não são abonadas, mas que, ao mesmo tempo, são esquecidas em prol da necessidade de pertencimento àquela identidade.

Em Florianópolis se pode perceber o interesse dominante em promover o turismo e os ganhos econômicos, sociais e políticos advindos da criação do imaginário de uma cidade de cultura açoriana, que oferece ao turista a oportunidade de viver a experiência de ser português.

Sendo assim, se pode dizer que a memória é representativa do interesse do grupo dominante que defende a ideia de que o melhor para o turismo e o resultado econômico na cidade, é incentivar o imaginário turístico cultural açoriano, assumindo, para tanto, esta identidade e, com isso, esquecendo a origem indígena e de outros colonizadores.

Analisar conceitualmente a Memória Social, a partir do estudo sobre a produção da Renda de Bilro, proporciona reflexões sobre o processo de delineamento destas memórias, isto porque, geralmente, a produção da renda se apresenta em grupos, com familiares, vizinhas ou amigas, que ao tecerem vão compartilhando experiências, histórias e memórias, onde o interesse dominante do grupo, irá significá-lo.

Os estudos de Schmidt e Mahfoud (1993), que resgataram os entendimentos de Halbwachs (1990), abordando a memória individual e a memória coletiva, onde as lembranças da memória individual compartilhadas, irão formar a memória coletiva, em seus quadros sociais correspondentes, corroboram com o estudo sobre a formação do imaginário turístico cultural da cidade de Florianópolis, a partir do estudo da produção da Renda de Bilro, ofício de origem admitida como açoriana, que é passado de geração em geração nos grupos de rendeiras.

De acordo com Bernd e Duarte (2018), a memória coletiva funciona por associações e estas dão o sentido ao passado, trazendo ao presente as tradições na forma que o grupo as interpreta. Segundo a autora, vai oscilando entre o que é lembrado e esquecido, sendo configurada com detalhes resultantes da imaginação de quem narra as memórias ao grupo. Nestes grupos de produção da Renda de Bilro, se percebe a oportunidade para compreender o processo de criação das memórias, que vão além da vivência no grupo, mas ampliam para as lembranças de fatos das comunidades. Estas memórias ficam reféns de quem as traz para o grupo e irão formar a memória coletiva daquele grupo, com a sua interpretação.

Entre as minhas pesquisas, percebi que existem comunidades que produzem certos tipos de pontos nas rendas, incomuns às demais e uma hipótese justificativa de tais diferenças, pode ser justamente pela transmissão do saber fazer de cada local. Quem transmite, pode transmitir o tipo que lembra, pode esquecer o tipo que não gosta, o que acha que as pessoas não irão gostar, etc.

Esta definição dos tipos de rendas a serem reproduzidos nos grupos é análoga à configuração memorial de grupos sociais que irão formar o imaginário turístico da cidade. Ambos transitando entre lembranças e esquecimentos numa resultante de interesses dos grupos dominantes.

Tedesco (2014), em sua obra dedicada à memória, intitulada: Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração, nos capítulos 7 e 8, da sua segunda edição, comenta sobre Memória e Patrimônio e Tempo, espaço e experiência da memória, contribuindo com a significação da memória social sob o aspecto deste estudo.

Quanto à Memória e Patrimônio, Tedesco (2014) contribui informando que historiadores confirmam que a memória patrimonial sempre esteve ligada à aristocracia e à Igreja e que o iluminismo a admitiu como de interesse na instrução pública para a construção de uma identidade nacional. Com o tempo pós Revolução Industrial, esta memória passou a ser significada como uma decorrência da seleção e determinação de valores que irão representar social e historicamente a identidade de um grupo, uma cidade, nação, etnia, agrupamento cultural, evento e período histórico ao qual pertenceu, sendo aceito como uma construção social que preconiza interesses dominantes.

Pesquisei este autor porque ao propor a discussão sobre a formação do imaginário turístico de Florianópolis, pensei em razões para esta configuração,

resultantes dos interesses dominantes, uma vez que o mesmo afirma, na página 86: “A dimensão coletiva e individual da memória patrimonial não pode ser entendida como um conjunto homogêneo e coerente de representação do passado”. Retomando aqui a questão da colonização, que a ideia do imaginário açoriano, pode estar exercendo dominação sobre outras culturas, que também poderiam ensejar a construção deste imagético.

Ao ler a crítica de Tedesco (2014) sobre os monumentos serem sempre mediadores de memória, em constante tentativa de legitimar ou deslegitimar o conhecimento histórico, vislumbrei com o autor uma possível ligação para uma das reflexões possíveis e já citadas, que este trabalho pode resultar, a do porquê de Florianópolis ter sido colonizada por diversas culturas, ter sua cultura original suprimida com a colonização e adotar a cultura açoriana como sua representante.

Quando o autor concorda com Pierre Nora, afirmando que a ideia de deixar vestígios, de lugares de memória e de congelar o tempo de algo, se presta a dar conta de evitar a ruptura com o passado e que a memória patrimonial e a memória monumental se destinam a este fim, sinto a presença desta intenção em Florianópolis, ao encontrar monumentos às rendeiiras e agora, mais recentemente, a reprodução da renda de bilro no telhado do paço municipal.

São elementos de importância cultural para o município, que seguem o propósito de fazer recordar um passado que não deve ser esquecido, que têm uma identidade que não deve ser ameaçada, que sustenta a glória de sua sociedade de consumo.

A sociedade, segundo Tedesco (2014), precisa de traços, vestígios e símbolos para compreensão do passado, entretanto, estes são imperfeitos, pois não conseguem, de forma alguma, reconstituir o passado na sua forma plena e as suas tentativas de reconstrução não conseguem ser íntegras, pois sempre haverá o interesse histórico por trás destes registros.

Em sua escrita sobre sociedade, tradição e suas simbologias, o autor afirma que a memória patrimonial se expressa em variados processos sociais, entre eles, a linguagem, a documentação, o conhecimento elaborado e o senso comum, o artesanato, a cultura de grupos, os monumentos, os templos, os obeliscos, as obras de arte, os artefatos, os espaços, dentre outros, que perfazem a herança cultural de cada povo. Avaliando este conceito, percebo o uso da memória patrimonial em

Florianópolis, ao materializar a confecção do artesanato da renda de bilro como peça representante da cultura açoriana da cidade.

Quanto ao Mobiliário Social, o autor refere que a memória patrimonial se encarrega de deixar vestígios no tempo linear e sugere uma análise crítica sobre a intenção daquilo que está para ser preservado. No caso de Florianópolis, a intenção da preservação do artesanato da renda de bilro, por meio do mobiliário, como o Monumento Bilros, que ficava em frente da casa da Alfândega, próxima ao Mercado Público Municipal e agora, com a revitalização, foi removido e será instalado ao lado do Casarão Bento Silvério, na Lagoa da Conceição.

No Capítulo 8 da sua obra, Tedesco (2014) fala sobre tempo, espaço e experiência de memória, onde expõe sua crença de que a memória é o espaço no qual se produz uma síntese entre o cotidiano e a experiência vivida. Afirma que esta resultante memória não é só o passado, que essa projeção do passado é embasada no que se está fazendo no presente e também no que se pretende fazer no futuro. Nesta minha proposição de estudo que tem como pano de fundo a Memória Social, se torna evidente a questão do espaço, pois a Fundação Cultural Franklin Cascaes se encarrega de manter a Casa da Memória e a Casa da Lagoa, na Lagoa da Conceição e Casa da Renda, no Mercado Público Municipal, como locais da Cultura da Renda de Bilros, além de diversos outros endereços menos conhecidos na cidade, cada um deles com as suas memórias oriundas das heranças recebidas e aceitas, de geração em geração, ligadas aqueles espaços e vivências.

Este tempo, não estanque, que configurou a ocorrência das memórias do passado açoriano, que no universo das rendeiras gerou a memória coletiva que definiu sua identidade enquanto grupo social, um grupo de cultura açoriana, teve, na produção da renda de bilro, o elemento chave que uniu o grupo em torno das memórias de seus antepassados. Ao tempo que se reúnem para tecer a renda, compartilham relatos do passado, que vão alimentando esta consciência de serem açorianos.

Pensando do ponto de vida do autor, quando escreve sobre Memória, tempo e poder, que ele relaciona com a memória oral, se pode entender que por meio da transmissão oral de memórias, prevalecem as que conseguem alcançar maior poder, seja por conta da aceitação de quem está transmitindo, do convencimento sobre o que está sendo transmitido e, mais ainda, sobre o poder de projetar interesses futuros em admitir aquelas memórias como verdades daquele tempo que estão referindo.

No caso da história da produção da renda de bilro, esse rastro memorial do fazer herdado dos Açorianos, se poderia questionar as circunstâncias em que se passou o início da produção artesanal em Florianópolis e a conjuntura que a fez perdurar e propagar em locais de renda, que foram passando de geração em geração, bem como as circunstâncias que levam este produto cultural a se tornar de interesse e a contribuir para a formação do imaginário turístico cultural do município.

Almeida (2013), no seu artigo: O legado da rememoração: traços e vestígios memoriais nas américas, traz uma citação da Professora e Escritora Dra. Zilá Bernd (2011, p. 10): "a investigação sobre a ficção romanesca do final do século XX e princípios dos XXI é o lugar privilegiado de memória coletiva, permitindo a decodificação das escolhas que as comunidades novas das Américas fizeram e fazem em relação a suas ancestralidades". Essa afirmação da Professora Bernd, resgatada por Sandra Almeida, tem total relação com a escolha feita em Florianópolis, pois como já citei, houve habitação pelos indígenas, por portugueses, espanhóis e ingleses, além dos africanos trazidos como escravos e a prevalência "escolhida" foi a cultura de base açoriana. Na visita aos rastros da cultura presente em Florianópolis, fica clara a escolha pela cultura dita de base açoriana, assim como cita Bernd, há uma escolha em relação à ancestralidade. Em outras cidades do estado, há outras escolhas: alemã, italiana, austríaca, entre outras. A seguir, os conceitos e implicações do imaginário turístico, representado também por rastros culturais.

## **5.2 Imaginário Turístico**

Início minha proposição deste tópico, com as considerações de Brusadin (2014, s/p.): *a cultura e suas formas de representação, assim como a tradição, detêm um poder no imaginário social, o qual é praticado pela atividade turística, por meio da comercialização e consumo do patrimônio cultural.*

De acordo com Zottis (2020), a aceitação dos valores culturais como fatores que contribuem para a formação do imaginário, uma manifestação multicultural que une o inventado, o falso e o real, influenciam o turismo, que tem como propósito, realizar experiências e sonhos dos visitantes.

O imaginário, que seria algo inventado, ilusório e no caso de imaginário turístico, a imagem de um lugar, de um espaço, de uma sociedade, projetado na

imaginação, com base em referências obtidas de pessoas que já conhecem ou que também desenham em suas mentes, estes locais, sonhando conhecê-los.

Conforme Gravari-Barbas e Graburn (2012, s/p.):

O imaginário turístico representa uma parte específica da visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais, de outros lugares que não aquele de sua residência principal, referindo-se aqui a contextos territoriais nos quais podem ocorrer alguns tipos de atividades de turismo e lazer.

Conceituando o imaginário turístico, entendo ser oportuno apresentar o conceito de turismo cultural, que segundo Santos e Silva (2016), é o turismo que se evidencia como um território de memórias, materiais e imateriais, além de uma complexidade de contradições. Para diversos turistas, a viagem continua a representar uma confusão de fronteiras entre o imaginário e o concreto, entre o real e a ficção, onde o lugar de visita adquire, cada vez mais, um valor simbólico na memória.

De acordo com Richards (apud SANTOS; SILVA, 2016, p. 2013): “as pessoas parecem cada vez mais interessadas em desenvolver o seu potencial criativo, melhorando as suas habilidades produtivas ou de consumo, além de procurar cursos ou experimentar a criatividade de férias”.

Corroborando com este conceito, proponho o aprofundamento sobre a contribuição da tessitura da renda de bilro para a formação do imaginário turístico cultural de Florianópolis, as experiências propostas pelas rendeiras de os visitantes tecer as rendas, os conhecimentos sobre os tipos de renda, que elas passam para o turista, as histórias de família e demais memórias que podem contribuir para a formação do imaginário turístico.

A aceitação dos valores culturais que formam o imaginário turístico é entendida na obra de Zottis (2020), como uma manifestação multicultural que une o inventado, o falso e o real, que resultam na influência do turismo.

Analisa Silva, Bezerra e Nóbrega (2019), que a compra de um serviço de turismo é, para muitos, a compra de um sonho. A realização deste sonho irá se concretizar com as experiências que se dão no momento da visita ao destino escolhido. Na página 5, os autores citam: “Os turistas escolhem um destino de acordo com atributos que consideram importantes e esses atributos influenciarão de forma significativa a formação da imagem do destino”.

Os autores concluem em sua pesquisa, que a formação do imaginário irá garantir o desejo e a escolha dos viajantes. Minha pesquisa, tem evidenciado que em Florianópolis, a formação do imaginário está dedicada a gerar no turista o desejo de conhecer os atrativos naturais, praias, cachoeiras, trilhas, etc. e se sentir em Portugal, consumindo refeições, lugares e peças de artesanato que se propõem a ser uma leitura da vivência em Portugal.

De acordo com Brusadin (2014), é a própria história quem define cada lugar, ou seja, é a soma das relações com o passado e com as forças do presente que aceitam esta história. Em se tratando do imaginário turístico em tela, se torna evidente as relações com os imigrantes açorianos e com a história do presente, que mantém vivas as tradições desta cultura que se conceitua como de base açoriana.

Se torna mister conceituar cultura, quando se fala em cultura de base açoriana. Para Brusadin (2014), cultura significa uma ideia de tradição e habilidades transpostas de geração em geração. Admite este que é impraticável conceituar a cultura como algo de origem única, que a mesma é uma resultante de vários fatores influenciadores, mas o importante a ser relacionado a esta pesquisa é o fator decorrente das crenças dominantes, sejam estas pela maior aceitação pela sociedade ou que foram melhor impostas a estes grupos sociais como verdades que lhes representassem.

Analisando sob esta ótica, percebo que em Florianópolis se tem a transmissão da cultura que pode ser forjada por interesses, uma vez que ela é oriunda dos colonizadores, utilizando-se do recurso de lembrança, em detrimento do de esquecimento, disponíveis na memória. Entre diversas culturas, se sobressai a cultura da colonização, que em outros grupos sociais, a memória se esforça para esquecer, mas em Florianópolis, é enaltecida.

Neste sentido que esta pesquisa também se desenvolve, com o cunho de entender a formação deste imaginário turístico cultural que enfatiza, então, esta cultura de base açoriana, que segundo Cletison (2011), se consolidou pelo modelo de transferência dos imigrantes, pois para Florianópolis também foram conduzidas famílias inteiras, favorecendo a permanência nos locais onde eram deixados, levando consigo seus hábitos alimentares, o trabalho, o artesanato, a religiosidade, os cantos, etc.

### 5.3 Economia Criativa/Artesanato/Renda de Bilro

A economia criativa possui como base a indústria criativa de bens e serviços, tangíveis ou intangíveis, componentes do conjunto de atividades pautadas na criatividade, no talento e/ou na habilidade individual ou coletiva. As indústrias criativas pertencem ao segmento de atividades econômicas que geram valor tendo em sua essência a origem cultural (BUETTGEN; FREDER, 2015).

Ruiz, Horodyski e Carniatto (2019), abordaram a economia criativa e o turismo, sob a perspectiva do projeto SouCuritiba. As autoras conceituam a economia criativa como o conjunto de atividades econômicas dependentes de um conteúdo simbólico como matéria prima para a criação de serviços e produtos, tangíveis ou intangíveis.

Admitem que as indústrias criativas podem determinar a cultura como vetor de qualificação de uma comunidade, atribuem ser ela a responsável pela coesão social e inclusão, como ferramentas que a economia criativa utiliza para se relacionar com a cultura e com o turismo.

Em seu estudo, apresentaram o Projeto SouCuritiba, um plano de ação desenvolvido a partir da parceria entre o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná (SEBRAE), a Fundação Cultural de Curitiba, o Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, o Curitiba Região e Litoral Convention & Visitors Bureau, o Centro Brasil Design e a Universidade Federal do Paraná, relacionando o turismo, a cultura e o design. O design, neste caso, como recurso criativo para a produção das recordações comercializadas com os turistas.

Elas concluíram que o Projeto SouCuritiba potencializa e demonstra a criatividade, a inovação e a oportunidade de atualização a todos os integrantes, que fazem com que o destino turístico Curitiba seja levado e valorizado em forma de *souvenirs* (recordações) por todos que consomem os produtos e a todos que passam a desejar consumir este destino turístico.

Brussi (2015), afirma que a renda de bilro ou de almofada, souvenir e produto cultural típico açoriano, de Florianópolis,, é originária do bordado, porém, ela trabalha com pontos no ar, sem um tecido base. Possui os fios trançados em si mesmos, tendo uma extremidade presa por alfinetes na almofada e na outra, o bilro, que fica dançando de um lado para o outro, dando origem à obra das rendeiras, com suas mãos extremamente velozes no cruzar dos bilros, vão formando flores, leques, peixinho, etc. Há vários tipos, de acordo com cada região há uma presença maior de

uma ou outra, são elas Renda Miudeira ou Maria Morena, a Renda Céu Estrelado, a Renda Bicuda, Rendas Margarida e a Renda Tramóia ou Sete Pares. É quase exclusiva na Ilha de Santa Catarina, é a Renda Tramóia, tecida com sete bilros, em peças únicas e grandes, que podem levar longos períodos de tempo para serem concluídas, mais comum na Lagoa da Conceição e no Ribeirão da Ilha. As Rendas de Arco, comum em toalhas ou colchas, são mais presentes no norte da ilha, como em Ponta das Canas. A Renda Peixinho e Boca-de-Sino, são mais facilmente encontradas no Campeche.

Houve uma atualização na produção da renda, pois por volta de 1960, havia um complexo cultural de produção da renda, onde era produzido e colorido o fio, com elementos da natureza, nestes locais era comum as mulheres produzindo insumos para a renda e a própria renda em suas almofadas, enquanto que no espaço compartilhado, os homens produziam as suas redes de pesca. Atualmente a produção da renda de bilro se dá com fios industrializados e as redes também já não são mais produzidas pelos pescadores (FFC, 1995). Renda de bilro produzida na loja de Artesanato do Ribeirão da Ilha:

Figura 7 – Renda de Bilro Artesanato Ribeirão da Ilha



Fonte: Autoria Autora, 2021.

Existem registros de que as primeiras rendas chegaram à Florianópolis trazidas pelas mulheres portuguesas que para cá migraram, oriundas de regiões litorâneas das Ilhas de Açores, Portugal - Estremadura, Minho, Algarve e Alentejo - onde tradicionalmente os homens eram pescadores e as mulheres faziam renda. Para

melhor ilustrar a origem, a seguir apresento o mapa geográfico da época, contendo as regiões de onde partiram as rendeiras para o Brasil:

Figura 8 – Mapa da origem das Rendeiras que chegaram à Florianópolis



Fonte: Viaggi (2015).

A renda de bilro era muito conhecida no continente europeu durante o século XVI, mas entrou em decadência e no século XVII havia praticamente desaparecido na Europa (FFC, 1995)<sup>5</sup>.

De acordo com a Fundação Franklin Cascaes, a renda de bilro sobreviveu nas áreas periféricas, como os Açores, de onde veio para o Brasil, com uma certa síntese da cultura da Europa Medieval, uma vez que os habitantes do arquipélago não tinham muito contato com as mudanças sociais vividas nos séculos XVI, XVII e XVIII, no chamado Velho Mundo. Atribuem a presença da renda de bilro, já desaparecida há quatrocentos anos no continente europeu, como exemplo disso.

Atualmente, se encontra a presença do artesanato de rendas na Região Norte (Pará); no Nordeste (Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia); no Sudeste (Rio de Janeiro) e no Sul (Santa Catarina).

Brussi (2015, p. 74), em sua tese sobre as rendeiras de Canaan (Trairi — CE), contribui falando sobre a formação da rendeira:

<sup>5</sup> FFC - Fundação Franklin Cascaes - Cadernos de Cultura, 03. Florianópolis, 1995.

O ambiente da casa representa o primeiro espaço da socialização. É nesse contexto que a criança incorpora habilidades, valores, crenças, hábitos e conhecimentos. Em Canaan, a atividade da renda é, eminentemente, doméstica, de modo que as meninas são ambientadas com a prática desde pequenas.

Para a produção da renda de bilro é utilizada uma almofada de estrutura firme, forrada com chita bem colorida, que não confundirá a rendeira. Ela fica colocada sobre um suporte de madeira específico, ou ainda, em uma cadeira ou banquinho. Com o entrelaçar das linhas, presas por alfinetes, a partir de um molde, a rendeira vai trançando os fios, que vão presos aos bilros.

Figura 9 - Almofada para confecção da renda de bilros sobre a estrutura de madeira que a ampara



Fonte: Própria autora, 2019.

Foi a partir do final do século XIX e início do século XX que a renda passou a ter seu lugar de destaque na sustentabilidade das famílias de pescadores, que passavam longos períodos no mar, deixando a responsabilidade pelo sustento da

família às mulheres que teciam a renda de bilro e a comercializavam no centro da cidade que na época ainda era chamada de Desterro.

Com a virada do século XIX, a atividade passou a representar um papel de símbolo do folclore da capital, já denominada de Florianópolis, mas, segundo Bergamin (2013), a importância cultural era mais evidenciada pelos turistas, uma vez que as mulheres que fabricavam a renda a percebiam com valor econômico para o sustento da família, sem o devido reconhecimento da importância histórica para manutenção da tradição herdada dos colonizadores.

Com o propósito de manter vivo o ofício de produzir a renda de bilro e com o intuito de agregar valor enquanto produto cultural do município, a Prefeitura de Florianópolis criou o Armazém da Renda, um espaço no mercado público destinado a produção, demonstração e comercialização dos produtos.

Figura 10 – Armazém da Renda no Mercado Público de Florianópolis



Fonte: Própria autora, 2019.

Por se tratar de um ofício inserido na cultura/memória afetiva de Florianópolis pelos imigrantes que aportaram na cidade e hoje ser reconhecido referência cultural da cidade, me motivei a pesquisar se um dos recursos de valorização desta cultura é a **memória coletiva**.

Criar leis e instrumentos para preservação da produção artesanal da renda de bilro não é novo em Florianópolis, há leis bem antigas que se dedicam ao cuidado, preservação, valorização e desenvolvimento do ofício. Conforme Luz (2016, p. 83):

O decreto nº 10.048, de 06 de junho de 2012, cria o centro de referência da renda de bilro em Florianópolis e dá outras providências. O decreto tem o objetivo de apoiar a produção, promover a distribuição, comercializar e divulgar a prática da renda de bilro. O centro de referência fica sediado no Centro Cultural Bento Silvério, no bairro Lagoa da Conceição e é vinculado à Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Em 22 de junho de 2002 foi instituído por meio da Lei nº 12.292, que no dia 06 de janeiro seria comemorado o Dia da Cultura Açoriana em Santa Catarina. A data seria comemorada com eventos para valorizar e manter a cultura, os costumes e o folclore de origem açoriana.

As políticas públicas definidas para regulamentar o trato para com o patrimônio cultural material e imaterial, assim como a memória social, passam, antes de aceitar sua soberania, por disputas de poder entre os elaboradores das proposições legais. A memória passa pelos recursos da lembrança e esquecimento, prevalecendo o que se sobressai, também em um exercício de poder. Em relação ao patrimônio cultural, se tem algumas leis que dão conta de preservar, disseminar e valorizar tais peças junto à sociedade.

Mastrodi e Ifanger (2019, p. 11) afirmam que: “políticas públicas é o nome de um campo interdisciplinar do conhecimento e, também, o nome de certo tipo de ação governamental”.

Corá (2014), afirma que as políticas públicas direcionadas ao patrimônio buscam a preservação da visão cultural do Estado. Contesta, entretanto, que essa cultura se consolida por meio dos heróis nacionais e dos prédios históricos, quando o ideal seria considerar também a cultura cotidiana das pessoas, ampliando e diversificando a cultura brasileira.

Considerando o objetivo desta pesquisa, é interessante avaliar esta obra, pois a autora faz uma reflexão sobre mecanismos legais de proteção do patrimônio, inclusive sobre a Constituição de 88, no que se refere à cultura brasileira. Em

Florianópolis, cidade que se representa por uma cultura açoriana (estrangeira), contendo um rico patrimônio cultural material e imaterial, como, por exemplo: igrejas, casarões, fortificações, monumentos, etc., contracenando com a dança do boi de mamão, a Festa do Divino, a produção da Renda de Bilro, entre outras, que são exatamente a cultura cotidiana e que está amparada em leis. Qual o objetivo destas leis em Florianópolis, dedicadas à cultura?

## **6 JUNTANDO OS PONTOS - DELINEANDO A PESQUISA**

Esta tese tem como sujeitos da pesquisa as rendeiras em atividade na cidade e tem por objetivo, a prática da renda de bilro como contribuinte para a formação do imaginário turístico de Florianópolis. Como perspectiva teórica, pesquisei trabalhos científicos do campo da Memória Social, da Cultura e do Patrimônio, a fim de buscar a compreensão sobre a contribuição da Renda de Bilro, para a formação do imaginário turístico de Florianópolis, por meio dos rastros memoriais. A partir de então defini o meu percurso de trabalho, o roteiro da minha pesquisa, que serviu para responder ao meu propósito.

Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo e visa dar conta de responder às questões alvo, justificando os procedimentos e técnicas escolhidos para a geração de conhecimento.

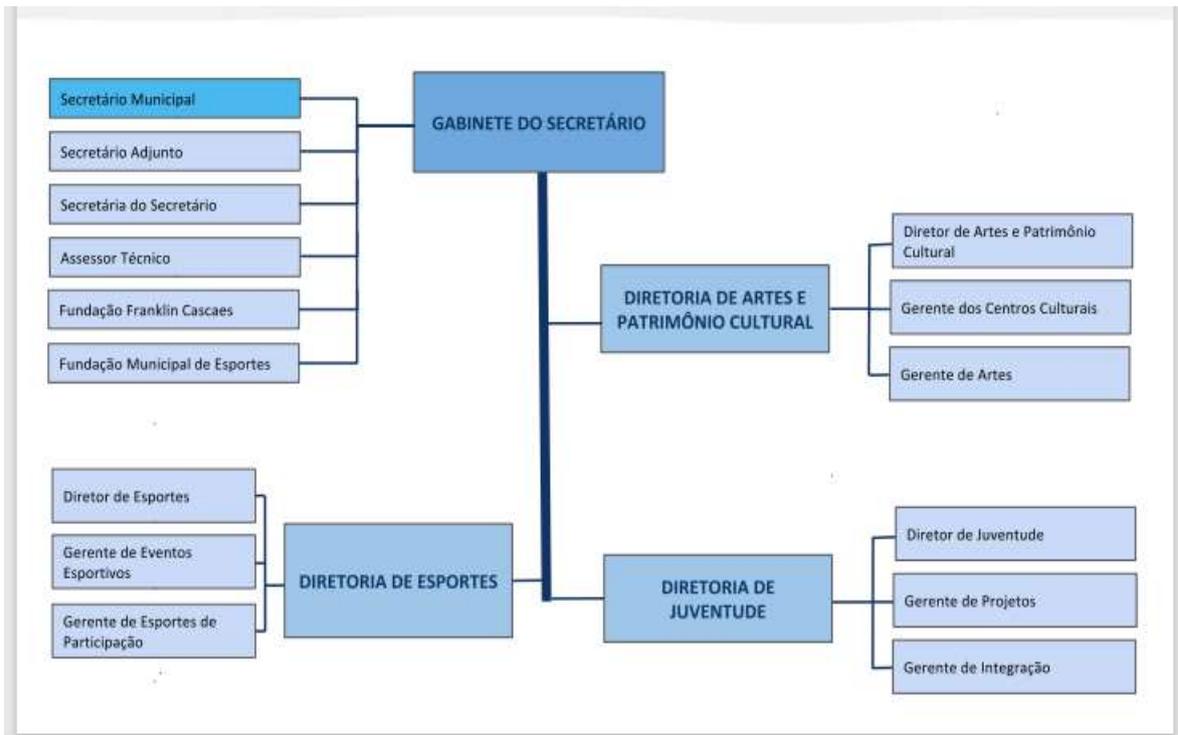
Como procedimentos metodológicos, estão a pesquisa documental e a pesquisa de campo, realizadas com o objetivo de investigar a contribuição do Produto Criativo Renda de Bilro, para a formação do imaginário de que Florianópolis é uma capital turística com cultura de Base Açoriana.

### **6.1 Passo a Passo da Tramóia - Coleta de Dados**

A coleta de dados iniciou-se com a pesquisa de documentos junto à Prefeitura Municipal de Florianópolis, com ênfase na Secretaria da Cultura, na Secretaria de Turismo e na Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), com foco em evidenciar a estrutura formal do Turismo de Florianópolis. Pesquisei as leis municipais que mencionam a Renda de Bilro. Busquei delimitar o estudo na esfera municipal, uma vez que no estado de Santa Catarina existem diversos pólos turísticos com outros atrativos ligados a outras culturas predominantes.

Como a Renda de Bilro ocorre predominantemente em Florianópolis e não em todo o Estado de Santa Catarina e está presente nas ações de divulgação do turismo do município, foi essencial visualizar a estrutura organizacional do município, a seguir descrita, através dos organogramas:

Figura 11 – Organograma da Secretaria da Cultura de Florianópolis

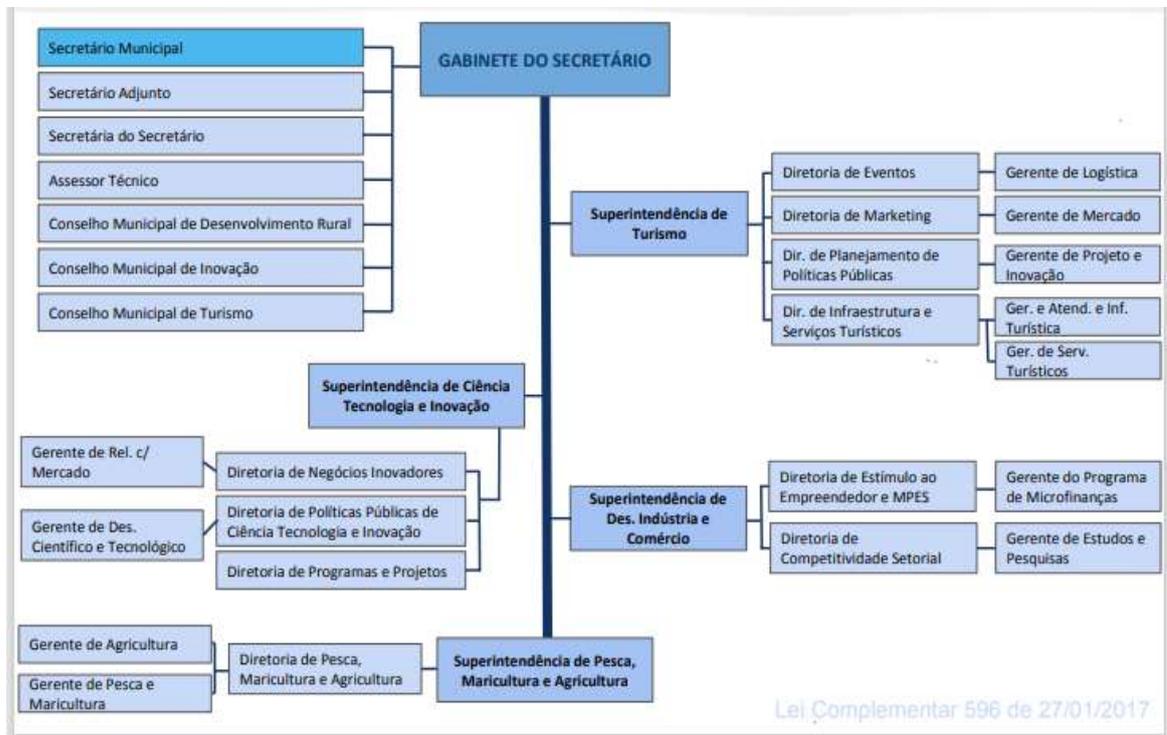


Fonte: Produzido pela autora.

O Organograma da Secretaria de Cultura do Município apresenta o Gabinete do Secretário de Cultura e suas respectivas estruturas, sendo que subordinada diretamente ao Secretário, se tem a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Esta estrutura direcionada à Cultura, cuida da implementação e acompanhamento das políticas públicas da cultura. A pasta desta secretaria apresenta ainda a Diretoria de Esportes, a Diretoria de Artes e Patrimônio Cultural e a Diretoria da Juventude. Esta configuração, contendo a Diretoria de Esportes e de Juventude, no ambiente da cultura, ensejam a importância da cultura para o município.

Complementando a visualização estrutural, apresento o Organograma Estrutural da Secretaria Municipal de Turismo.

Figura 12 – Organograma da Secretaria do Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de Florianópolis



Fonte: Produzido pela autora.

A estrutura organizacional da Secretaria apresenta o Gabinete do Secretário, a Superintendência de Turismo, a Superintendência de Ciência, Tecnologia e Inovação, a Superintendência de Desenvolvimento da Indústria e Comércio e a Superintendência de Pesca, Maricultura e Agricultura. Percebe-se pela estrutura aqui apresentada, a importância do turismo para o município, uma vez que estão no mesmo nível hierárquico, a pasta do Turismo e a de Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

Compreendida a estrutura municipal, onde estão os documentos municipais destinados ao trato dos assuntos relacionados ao turismo e à renda de bilro, realizei, a partir de então, uma pesquisa documental em dados secundários, onde busquei os documentos reguladores das Leis Municipais direcionadas a esta área da Cultura, incluindo a Lei Orgânica do Município de Florianópolis e as Leis Complementares que dão conta da Cultura, que serão apresentadas no tópico mais a frente, que trata exclusivamente deste ponto.

Além das leis municipais relacionadas à cultura, busquei projetos de incentivo ao artesanato da renda de bilro, com objetivo voltado para o turismo, onde encontrei o Projeto da Petrobrás, que se direcionou à qualificação profissional das rendeiras.

Feita a pesquisa aos documentos, passei a fazer as visitas aos locais de renda, visitando os bairros com sedes de Associações de Rendeiras e por meio de observação e entrevistas não estruturadas, consegui identificar os rastros memoriais desejados, para demonstrarem a ligação da renda de bilro com o imaginário de turístico.

Para uma identificação mais próxima das memórias de meu interesse, busquei entrevistar as rendeiras que tinham mais assiduidade nos espaços, as que comparecem no mínimo uma vez por semana, onde também pude observar o seu trabalho, as suas cantigas e as suas histórias. A escolha das entrevistadas seguiu um critério de interesse das mesmas em que uma ou outra fizesse parte da pesquisa. Percebi que existe uma certa liderança informal e são estas as escolhidas pelo grupo para responderem às perguntas. A observação direta me permitiu conhecer relatos de antigamente, histórias dos tempos de infância, detalhes que muitas vezes, não aparecem nas entrevistas, principalmente quando o plano de fundo da pesquisa é a memória, que tem o esquecimento como recurso.

O uso de registro fotográfico e a gravação me permitiram interpretar com mais clareza as informações coletadas, favorecendo a identificação dos rastros memoriais que embasaram as minhas considerações.

### **6.3 Análise dos Dados**

A análise dos dados contou com três intervenções distintas, sendo uma para a análise dos documentos, outra, sobre o percurso no que se refere ao diário de campo e outra, sobre os achados.

Realizei a análise do conteúdo dos documentos, através do uso da técnica de seleção pela Comunicação de Massa, a qual apresenta o suporte escrito em textos jurídicos, que são os que trouxe para a minha pesquisa documental, as Leis, Decretos, Ofícios, Boletins e demais documentos Executivos ou Legislativos que normatizam o regramento no Município de Florianópolis, referindo-se às políticas de preservação, desenvolvimento e valorização da renda de bilro.

A análise dos dados pela técnica da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1979), se divide em três fases, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na fase de pré-análise, há a validação dos documentos, a qual eu busquei fazer com o uso da confirmação dos documentos em sites oficiais do Município. As leis buscadas nos sites oficiais foram as que apresentaram trato à renda de bilro e às rendeiras de Florianópolis. Conforme as regras definidas, a segunda fase consistiu em catalogar os achados em categorias que permitiram a interpretação do artesanato da renda de bilro como contribuinte para a formação do imaginário turístico de Florianópolis.

A definição de categorias de análise foi surgindo no decorrer da apreciação dos documentos e em concordância com os achados do diário de campo.

## 7 ARTICULANDO OS CONSTRUCTOS DE MEMÓRIA, OS RASTROS MEMORIAIS E O IMAGINÁRIO TURÍSTICO COM A SÍNTESE NO FRAMEWORK

Este quadro tem o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos necessários para o embasamento da tese:

Quadro 1 – Para o embasamento da tese

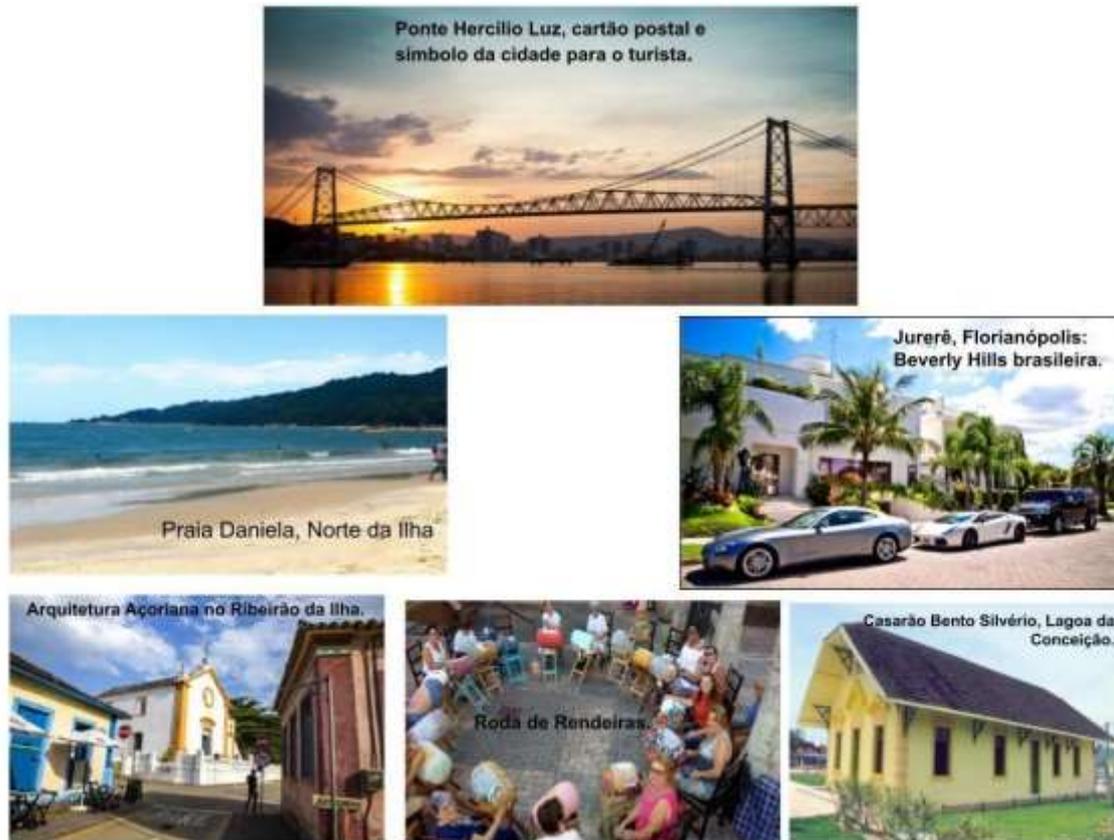
Termo	Conceito	Fontes
<b>Memória</b>	É o coração do funcionamento intelectual humano; olha para o passado e abastece as culturas; apresenta uma variável de mágica e simbologia, que vem de uma imaginação que considera o presente e o futuro em seu meio social. É um fenômeno vivido no presente, está em permanente evolução, numa relação dialética entre lembrança e esquecimento, é a expressão de crenças, normas ou ritos que nortearão práticas sociais. É o espaço no qual se produz uma síntese entre o cotidiano e a experiência vivida, sendo uma projeção do passado no presente e, também, na perspectiva de futuro. Pode ser compreendida e analisada de forma individual ou coletiva.	Ellis & Hunt, 1995, apud Neufeld e Stein, 2001; Pierre Nora 1993 apud Bagno 2016; Dodebei <i>et al.</i> (2016); Tedesco (2014)
<b>Imaginário turístico e imaginário turístico açoriano</b>	<p>O imaginário turístico representa uma parte específica da visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais, de outros lugares que não aquele de sua residência principal, onde podem ocorrer alguns tipos de atividades de turismo e lazer. É formado pela aceitação de valores culturais do local visitado, como manifestação multicultural que une o inventado, o falso e o real. Tal formação influencia no desejo e na escolha dos viajantes. É praticado pela atividade turística, por meio da comercialização e consumo do patrimônio cultural.</p> <p>O imaginário turístico açoriano vem de uma cultura de base açoriana, fortemente marcada pela religiosidade que perpassa pelo folclore, lendas e mitos, literatura popular, hábitos e costumes, artesanato, arquitetura, brincadeiras infantis, até mesmo na gastronomia originária no Arquipélago do Açores. No artesanato, especificamente, tem-se na renda de bilro uma forte influência para tal imaginário.</p>	Tarlombani da Silveira (2012); Zottis (2020); Silva, Bezerra e Nóbrega (2019); Cletison (2015); Cunha (2016)
<b>Renda de bilro</b>	É um artesanato de origem açoriana, aqui em Florianópolis. Trata-se de um tipo de renda feita com bilros, linhas e alfinetes. As linhas são presas aos bilros e trançadas com eles. A renda de bilro tornou-se parte da sustentabilidade das famílias de pescadores. Enquanto os homens passavam muito tempo embarcados, as mulheres produziam e vendiam a renda, para sustento de suas famílias. Posteriormente,	Viaggi (2015); Bergamin (2013) Soares (1987)

	a renda de bilro passou a ser considerada parte do folclore de Florianópolis.	
<b>Rastros memoriais</b>	A sociedade precisa de traços, vestígios e símbolos para a compreensão do passado. Busca-se evitar a ruptura com o passado, de recordá-lo, não permitir que seja esquecido.	Pierre Nora 1993 apud Bagno 2016; Tedesco (2014)
<b>Políticas Públicas</b>	As políticas públicas são definidas para regulamentar o trato para com o patrimônio cultural material e imaterial. As políticas públicas direcionadas ao patrimônio buscam a preservação da visão cultural do Estado.	Corá (2014)

Fonte: Produzido pela autora.

Busquei uma representação mental para o meu quadro síntese, a qual segue, então, reproduzida em imagens, onde na base represento a memória, com os rastros memoriais, contendo a arquitetura açoriana do bairro Ribeirão da Ilha, o segundo distrito mais antigo da cidade, que devido a sua arquitetura é considerado como uma parte de Açores, cravada em Florianópolis. Ao centro da base, a roda de rendeiras, evidenciando como essa cultura de fazer artesanato é compartilhada entre as mulheres da comunidade, que se reúnem em rodas de trabalho, conversa e canto, o canto da ratoeira, músicas que ditam o ritmo do trabalho. À direita na base, a imagem do Casarão Bento Silvério, o antigo casarão de arquitetura açoriana, reformado e entregue às rendeiras, para se reunirem na produção e venda de rendas. Sobre esta forte base, estão, à esquerda, a imagem da linda, calma e cristalina Praia da Daniela e à direita a imagem de Jurerê Internacional, conhecida nos blogs de turismo como a Beverly Hills brasileira. No topo está a imagem cartão postal da cidade, a recém restaurada Ponte Hercílio Luz, patrimônio cultural municipal e um dos maiores cartões postais da cidade.

Figura 13 – Representação do Quadro Síntese



Fonte: Autoria própria.

Esta imagem foi mostrada para familiares, colegas e algumas rendeiras, questionando se a mesma apresentava o que Florianópolis é e o que tem a oferecer para o turista. Foram unânimes em desejar que aparecesse mais na imagem, a representação da Gastronomia. Concordo com tal desejo, pois Florianópolis foi agraciada pela Unesco como uma das oito Capitais Mundiais da Gastronomia. Expliquei que as memórias que envolvem a Gastronomia, não estão sendo consideradas no meu estudo.

## **8 DE PIQUE EM PIQUE, JUNTANDO OS PONTOS ATRAVÉS DA IDENTIFICAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO, PARA IDENTIFICAR OS INCENTIVOS PARA A PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA RENDA DE BILRO**

As políticas públicas, que são as diretrizes que determinam os projetos de atuação do estado, com o interesse da sociedade, os investimentos e serviços que serão prestados pelas instituições públicas à sociedade, preconizam o interesse coletivo de todos. A minha pesquisa que buscou entender a contribuição da renda de bilro para a formação do imaginário turístico de Florianópolis como uma cidade com cultura de base açoriana, busquei identificar as leis que se dedicaram à renda de bilro, a fim de comprovar que sim, que se houve o interesse do estado, seria o interesse da sociedade, de valorizar a cultura da produção desse artesanato.

Ao encontrar projetos municipais com destino de verbas para a atividade das rendeiras, subentendo que de alguma forma elas são alvo do interesse do município. Fiquei feliz por ter encontrado tais Leis, pois me ajudaram a corroborar com a minha teoria de que sim, a renda de bilro é símbolo do imaginário turístico de Florianópolis. A seguir as leis municipais:

### **8.1 As Leis Municipais - Incentivo à Formação do Imaginário Turístico Com o Auxílio da Renda de Bilro**

Sem um imaginário turístico desejado, é pouco provável que haja um planejamento de viagem. É neste sentido que busco entender como a renda de bilro, um artesanato de origem açoriana, contribui para atrair o turista, colaborando para o imaginário turístico de que Florianópolis é uma capital com cultura de base açoriana.

Como o imaginário é construído por representações compartilhadas ou associadas, materiais e imateriais, é mister compreender e identificar o artesanato da renda de bilro nas determinações legais no município de Florianópolis. Com a ajuda do site Leis Municipais, na aba de pesquisa, colocando a busca por Bilro na Cidade de Florianópolis, encontrei três Decretos e uma Lei, sendo que dos Decretos, uma norma estava revogada. A seguir o conteúdo de cada Norma.

- Lei nº 5847, de 04 de junho de 2001: Cria a denominação oficial das praias, no município de Florianópolis e dá outras providências. No inventário das praias,

na posição 086.4, no Histórico da Praia das Areias, região conhecida como Lagoa da Conceição, encontramos a seguinte justificativa:

Com o progresso do Distrito, foi construída uma avenida ao longo das areias e que foi denominada de Avenida das Rendeiras, em homenagens as artesãs da localidade, que se dedicam a produção de rendas de bilro, uma arte de tradição cultural açoriana, contudo a denominação de areais perdura, sendo a mais ajustada. (LEIS MUNICIPAIS DE SANTA CATARINA, 2001).

- Decreto nº 10.048, de 06 de junho de 2012: Cria o Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis e dá outras providências. Em seu Artigo 2º, estipula que o Centro ficará vinculado à Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.
- Decreto nº 14.800, de 17 de junho de 2015. Aprova o Regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Cria o espaço destinado ao comércio exclusivo de rendas artesanais e bordados produzidos manualmente, para a valorização da identidade cultural das comunidades locais, podendo variar entre bilro, agulha, crochê, entre outras. Revogado pelo Decreto nº 18487/2018.

No site da Prefeitura Municipal de Florianópolis, na Legislação Municipal de Florianópolis, fiz uma busca escrevendo renda de bilro e apareceram quatro documentos, os mesmos que o site Leis Municipais apresenta.

Avançando nas pesquisas no site da Prefeitura, indo até o sítio da Secretaria do Turismo, encontrei os mesmos documentos citados anteriormente, uma vez que o site da Prefeitura redireciona para o site Leis Municipais.

Complementando a busca da legislação que envolve a renda de bilro, pesquisei, ainda, os seguintes documentos:

- Política Cultural de Florianópolis - Santa Catarina: Apresenta o Plano Municipal de Cultura; a legislação do setor cultural e os equipamentos culturais públicos sob a responsabilidade do Município de Florianópolis.
- Projeto de Lei 16430/2015 - Institui no município de Florianópolis, a rendeira, rendeiro e a renda de bilro como patrimônio histórico, cultural e imaterial;
- O Diário Oficial Eletrônico de Florianópolis, Edição 1871, de 27 de janeiro de 2017, apresenta a Lei Complementar no 596, de 27 de janeiro de 2017 - dispõe sobre a estrutura organizacional da administração pública do poder executivo municipal de Florianópolis, reestruturação de cargos, estabelece princípios e

diretrizes de gestão e adota outras providências. Contempla a definição dos Elementos do Sistema de Identidade Visual de Florianópolis, contendo na justificativa da sua escolha, a renda de bilro em evidência: “Descobriu-se que Floripa tem uma relação especial com linhas: elas originaram a forte cultura local, em especial a açoriana. Desde o entrelaçado do bilro até a linha que compõe a tarrafa do pescador [...]”.

- Diário Oficial Eletrônico de Florianópolis, Edição 2145, de 12 de março de 2018, contempla o resultado final da Concorrência nº 391/SMA/DSLC/2017 - A Comissão Permanente de Licitações para Materiais e Serviços, por intermédio do Diário Oficial, tornou público os vencedores para prestação de serviços na área da Cultura. Na Cultura Popular Renda de Bilro, constam como destino de verba, quatro mulheres, rendeiras, para trabalharem em prol da Escola de Artes Visuais ensinando a confecção da renda.
- O Diário Oficial Eletrônico de Florianópolis, Edição 2157, de 29 de março de 2018, tornou público o Edital 004/FCFFC/2018, da Fundação Cultural De Florianópolis Franklin Cascaes, abrindo vagas para Inscrição de alunos para a Escola Livre de Artes, para formar turmas nos cursos ofertados e entre estes cursos, há a Turma de Cultura Popular - Renda de Bilro. O Anexo ao Diário Oficial contém o objetivo do curso: “reconhecer a importância do repasse do conhecimento para outras gerações, garantindo a permanência da tradição açoriana, considerada um dos principais símbolos do patrimônio cultural de Florianópolis”.

As leis dedicadas à renda de bilro que são de caráter permanente, permanecem em aplicação no município, como por exemplo, as comemorações do dia renda, da rendeira e do rendeiro, assim como o espaço chamado Armazém da Renda no Mercado Público Municipal. As leis que se dedicaram a determinados projetos específicos, que tinham um período de execução, findaram e atualmente não percebi, no meio das rendeiras, o resultado de sua aplicação tendo a devida importância e reconhecimento.

## 8.2 O Contrato da FEPESE e da PETROBRÁS - Incentivo à Produção e Disseminação da Renda de Bilro

Em 27 de março de 2014, foi assinado o contrato de patrocínio que entre si celebraram a Petróleo Brasileiro S.A - Petrobras e a Fundação de Estudos e Pesquisas Sócio Econômicas. O contrato 60000087801.13.2 foi assinado pelo Gerente Executivo da Responsabilidade Social da Petrobrás, Armando Ramos Tripodi e pelo Presidente da Diretoria Executiva, da FEPESE, Alexandre Marino Costa.

Figura 14 – Reprodução do Registro do Contrato Assinado



Fonte: Petrobras e a Fundação de Estudos e Pesquisas Sócio Econômicas, 2014.

O contrato teve como objetivo assegurar o patrocínio, pela PETROBRAS, do projeto "Empreendedorismo nas Rendas de Bilro: Formação de Competências e Comércio Justo para as Mulheres Rendeiras da Ilha De Santa Catarina". O Projeto visa qualificar rendeiras e suas filhas e netas para o empreendedorismo e promoção do comércio de renda de bilro. Cabe registrar que o referido projeto foi contemplado no Processo de Seleção Pública de 2012, do Programa PETROBRAS Desenvolvimento & Cidadania, cuja realização ficou à cargo da FEPESE.

O Projeto, Anexo I do Contrato, teve como Linha Programática a Geração de Renda e Oportunidade de Trabalho, como Temas Transversais, a questão de Gênero e os Pescadores e outros Povos e Comunidades Tradicionais.

Como justificativa, o projeto cita (TODESCAT; STELZER, 2016, p. 4):

A cidade vive uma exploração imobiliária intensa e, nesse sentido, vem desmantelando antigas comunidades açorianas, tradicionais da Ilha desde o século XVII. Essas comunidades caracterizam-se pela sobrevivência por meio da pesca artesanal (atividade masculina) e da confecção de rendas de bilro (atividade feminina) feita pelas esposas dos pescadores que a utilizam secularmente como complemento dos rendimentos financeiros da família, deriva desse fato a expressão "onde tem rede tem renda".

O projeto também cita que as rendeiras são parte importante da cultura açoriana característica de Florianópolis e na época da assinatura do contrato, apresentavam-se em 250 rendeiras, sendo o maior número do sul do país.

Evidenciando a razão para o investimento no projeto, foi identificado que desde a década de 80, a confecção da renda de bilro vinha definindo frente a concorrência dos produtos industrializados.

O incentivo da Petrobrás teve como propósito, não somente o aumento da renda familiar com a comercialização da renda de bilro, mas, mais ainda, manter viva a tradição do povo e contribuir para a não extinção dessa arte, uma tradição familiar que vem desde o século XVII.

Um dos fatores motivadores desse projeto está no fato de que a atual geração de filhas dessas rendeiras não está mais seguindo a tradição. As filhas e netas até aprendiam a fazer renda em seus domicílios, com suas mães e avós, porém, o ganho com a arte era 12 vezes menor que o ganho como faxineira.

Sendo assim, ficaram definidos no Projeto os seguintes objetivos: “Qualificar rendeiras e suas filhas e netas para o empreendedorismo e promoção do comércio justo de renda de bilro com abrangência de 125 rendeiras (65), filhas (40) e netas (20)”, atuando na linha programática de Geração de Renda e Oportunidade de Trabalho, atuando com as questões de gênero (mulheres) e povos e comunidades tradicionais (rendeiras de origem açoriana). (TODESCAT; STELZER, 2016, p. 4).

O Projeto foi estruturado para atuar em duas fases, sendo que na primeira fase contou com a capacitação para a comercialização, com a previsão de um curso de 128 horas com 01 encontro semanal de 4 horas para cinco turmas de 25 alunas cada turma. Essas turmas foram previstas nos locais de concentração de rendeiras, como por exemplo, Lagoa da Conceição e Pântano do Sul.

A proposta do curso tinha como conteúdos programáticos: Noções de Informática, Comportamento Empreendedor, Gestão de Relacionamento Interpessoal, Introdução a Finanças, Introdução ao Marketing, Introdução à Exportação, Saúde da Mulher e Tópicos Especiais, com certificação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC como atividade de extensão.

O projeto deixou clara a intenção de gerar um modelo comunitário que evidencie a importância da renda de bilro a partir da educação.

A segunda fase do Projeto, a Fase da Assessoria teve como alvo as Competências do Desenvolvimento Artesão, trabalhando questões de

relacionamentos e trocas de experiências com outras comunidades, com a realização de workshops para implementação do que foi apreendido na primeira fase. Na segunda fase os objetivos eram: a) criação do ambiente digital, um site com catálogo de produtos e sítio para venda das rendas; b) criar um plano de negócios, plano de marketing, modelo de negócio a ser implantado e mecanismos de comercialização nacional e internacional, condições para participar de feiras e eventos internacionais.

Para esta fase é prevista a escolha de 15 rendeiras com melhor desempenho no programa, para servirem de modelo e líderes às demais. Assim, pretendem que seja deixado um legado de autonomia para crescimento, com comércio justo e vistas para exportação, verdadeiramente se transformando de rendeiras vendedoras passivas em empreendedoras.

O Projeto das Rendeiras foi harmonizado com as seguintes iniciativas de apoio político: “Política Nacional de Economia Solidária e Sistema Nacional do Comércio Justo Solidário (Ministério do Trabalho e Emprego); Política e Autonomia Econômica para Mulheres (Secretaria de Política para as Mulheres); e, Política Municipal de Apoio à Cultura (Prefeitura de Florianópolis)” (TODESCAT; STELZER, 2016).

Apresentei aqui o propósito deste Projeto, contemplado em 2012 e cujo contrato fora assinado em 2014, com prazo de execução de 730 dias, da assinatura. Se percebe neste projeto a intenção política de resgatar a arte de fazer renda, como cultura açoriana que estava sendo esquecida.

### **8.3 Relatório Final do Projeto Da FEPESE - Prestação de Contas do Projeto - Aparecendo os Rastros**

Buscando os rastros memoriais da renda de bilro como contribuinte do Imaginário Turístico de Florianópolis, vim ao encontro do Projeto Empreendedorismo nas Rendas de Bilro: formação de competências e Comércio Justo para as mulheres rendeiras da Ilha de Santa Catarina. A fase de execução do projeto teve abrangência de 125 rendeiras, sendo 65 mães, 40 filhas e 20 netas de rendeiras. O Projeto foi proposto pelas professoras Dra. Marilda Todescat e Dra. Joana Stelzer, do Departamento de Ciências da Administração – UFSC/CSE/CAD. A Fundação de Pesquisas Socioeconômicas – FEPESE, foi a executora do projeto com o patrocínio da Petrobrás (TODESCAT; STELZER, 2016).

Figura 15 – Relatório Final de Pesquisa



Fonte: TODESCAT; STELZER, 2016.

As inscrições das rendeiras foram distribuídas por polos de ensino, de acordo com a área geográfica de residência das mesmas. No mapa da ilha, foram estabelecidos os polos de ensino, distribuídos nos seguintes bairros: Lagoa da Conceição/Rio Vermelho; Pântano do Sul; Armação do Pântano do Sul; Sambaqui. Praia do Forte e Ponta das Canas, a seguir apresentado:

Figura 16 – Distribuição de ensino por polos



Fonte: TODESCAT; STELZER, 2016.

Figura 16 dos Polos de Ensino. Fonte UFSC, Relatório Final da Pesquisa de Empreendedorismo nas Rendas de Bilro: formação de competências e Comércio Justo para as mulheres rendeiras da Ilha de Santa Catarina (2016).

A primeira Ação que a Execução do Projeto realizou foi fazer o diagnóstico de escolaridade das participantes, identificando o perfil das alunas para a preparação do material didático adequado ao nível das mesmas. Após o diagnóstico do perfil das alunas, foram elaborados 180 exemplares do material didático de cada disciplina.

Após a formatura das rendeiras, iniciaram ações para a disseminação da experiência catarinense das rendeiras e estabelecer uma rede de colaboração com outras comunidades rendeiras, criaram as redes sociais de integração, levaram as rendeiras para participação em feiras nacionais e internacionais. Com a execução do projeto originaram-se diversas publicações técnicas, científicas e publicações em eventos. Atualmente, não percebi projeto de tamanho investimento dedicado à cultura popular de Florianópolis em prática ou que seja de conhecimento das rendeiras com as quais conversei.

Entendendo os rastros evidenciados a partir da pesquisa aos documentos, a seguir, apresento o diário de campo.

## **9 ENTRELAÇANDO OS FIOS DOS RASTROS MEMORIAIS, IMAGINÁRIO TURÍSTICO E DA RENDA DE BILRO, PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO COLETIVO CULTURAL PARA O MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS**

Acessando o conhecimento por detrás dos bilros, trançados ao longo de muitos anos, para fazer com que o mesmo possa ser compreendido pelos meus leitores em momento futuro, compilei as percepções dos profissionais da renda de bilro sobre a relação da renda de bilro com o turismo no município.

Fiz visitas na Associação do Bairro Sambaqui, no Casarão Bento Silvério, localizado na Lagoa da Conceição, no Armazém da Renda, que fica no Mercado Público, na Casa do Artesanato que fica junto ao Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha. Além de ir a estes locais, ainda conversei com pessoas ligadas às rendeiras.

Estes locais de fabricação, comércio e valorização da renda em Florianópolis são locais que fazem parte dos roteiros turísticos da cidade. Apresento os rastros memoriais entrelaçados pelos bilros, na memória das rendeiras.

A primeira imagem é de um pôster, fixado na parede da Casa das Rendeiras de Sambaqui, que funciona no antigo casarão da alfândega do porto de Sambaqui, sede da Associação dos Moradores do Bairro, cedida às rendeiras, onde há 10 rendeiras em atividade. A foto foi feita por mim e exibe um Projeto de 2013, promovido pelo Promoart em parceria com a Casa dos Açores de Santa Catarina, com o objetivo de oportunizar aos artesãos o convívio com a realidade de outros locais. Na foto está retratada a visita das rendeiras Glória Viana Soares, a Glorinha, de Sambaqui e Edivaldo Pedro de Oliveira, o Dinho, do Pântano do Sul, à cidade de Poço Redondo, no sertão sergipano, bem como a visita das sergipanas Maria Dominga e Luiza Lima Soares:

Na figura 17, segue foto do mural na parede da Casa das Rendeiras de Sambaqui.

Figura 17 – Pôster da Sede das Rendeiras de Sambaqui



Fonte: autoria própria, 2022

Ao longo da apresentação dos rastros memoriais, como as falas envolvem questões sensíveis, optei por não identificar a fala de cada uma e identificar a emissora pela idade, distinguindo umas das outras.

Entre as rendeiras presentes na visita de Sambaqui, encontrei a Rendeira de 74 anos, que participou, em outros estados e países, de projetos de intercâmbio para apresentar e ensinar a fazer renda. Ela explicou que a renda feita em Florianópolis é diferente das que são produzidas no Arquipélago de Açores, por serem utilizadas linhas mais grossas e cores mais vibrantes, tornando as rendas mais alegres, conforme ela qualificou. A seguir será apresentada uma imagem, contendo as rendas de Bilro coloridas, de acordo como as rendeiras de Sambaqui apreciam.

Figura 18 – Rendas de Bilro produzidas em Sambaqui



Fonte: Autoria própria, 2022.

Em visita ao casarão, ao questionar o grupo de rendeiras, sobre como tinham aprendido a fazer rendas, todas disseram que foi com suas mães, avós ou tias. Comentaram que as meninas não tinham escolha, que eram obrigadas a aprender o ofício para ajudarem a família. Uma rendeira do grupo, com 76 anos de idade, relatou:

*A mãe deixava dito para fazer a renda até ali naquele ponto do pique e se eu não fizesse, quando ela voltasse da sesta, não me deixava ir brincar. A gente sentava com a mãe perto da porta, porque era mais claro e também porque enxergava a rua. Eu fazia mais barrados e a mãe fazia peças maiores. O pai fazia rede e pescava, mas a mãe ajudava ele a fazer a rede quando precisava. Hoje em dia não passa muito de mãe para filha, nem mais pelas oficinas, pois já estão deixando de existir. (Rendeira de 76 anos).*

Este tipo de memória trazida dos tempos em que mães, filhas e netas se reuniam para fazer renda e os pais faziam redes, foi recorrente em todos os espaços de rendeiras os quais visitei. Compreendi como uma necessidade que elas têm dessa

ideia da memória que forma a sociedade em que vivem e tal importância, foi evidenciada pela fala desta outra rendeira com a qual conversei:

*Fui sorteada para ir ensinar a fazer renda nos Açores, através da Casa dos Açores de Florianópolis, porque lá eles deixaram terminar e me levaram para ensinar de novo. Pelo projeto da Universidade fui sorteada para ir à Camarinas, na Espanha, onde tem muita renda, mas a renda de lá é diferente, tem a linha mais fininha e parece industrial, mas é muito bonita. Só que lá eles têm todo material, tem até os bilros para vender, que aqui a gente tem que mandar fazer. Lá tem de tudo. Só que a renda deles não é tão alegre quanto a nossa.*

*Fui também em Santa Maria, em um encontro de culturas, onde pude mostrar a renda e todos se encantaram com os bilros. Tem muita gente que vem do Rio Grande do Sul para veranejar em Florianópolis e eles gostam de ver a gente fazendo renda.*

*Eu faço eventos e pego encomendas e quando tem muito pedido, repasso para as meninas, mas a única coisa que a gente ganha atualmente da prefeitura é o transporte para ir até o local, já ganhamos bem mais no passado, mas agora não ganhamos mais nada além disso. A gente recebe uma chamadinha ou outra para ir fazer evento no Centro, onde a gente vende uma pecinha ou duas.*

*A nossa renda é mais barata, porque em Sambaqui, é o preço que se consegue praticar. Às vezes as rendeiras de outras localidades reclamam que o nosso preço é mais barato, mas não temos como vender mais caro. As rendeiras não podem pagar para participar de eventos, porque se tiver que pagar, não vale a pena. (Rendeira de 74 anos).*

No grupo visitado, havia uma rendeira que produz renda há 66 anos, outra, há 74 anos e algumas outras com um pouco menos de tempo, mas todas há mais de 40 anos. Evidenciando mais rastros:

*Fazer renda não cansa, distrai a gente e é bom estar com as meninas. É um artesanato que a maioria das meninas começa muito cedo a produzir e nunca mais para. A gente canta, fala bobagem, dá risadas e depois vende as peças e faz um dinheirinho pra ajudar no sustento. Antigamente, a minha mãe contava que vinha muita gente do Rio Vermelho, Canasvieiras e Ingleses, até o porto de Sambaqui vender seus produtos aos marinheiros. As rendas eram compradas entre as frutas, café e artigos feitos de barro. Hoje em dia, vem pouca gente pra cá. Muitos turistas vêm só até Santo Antônio e a ponta fica meio esquecida. No verão, sempre vem muita gente para a cidade, mas eles acabam comprando rendas no centro e depois chegam aqui e se surpreendem com a nossa renda mais barata. Atualmente não dá para viver de renda de bilro, se ganha muito pouco. A gente faz porque gosta e porque é o que a gente sabe fazer. Rendeira de 81 anos.*

*Lembro-me que quando era jovem, os turistas passeavam pela Lagoa da Conceição e na avenida, que leva o nome de Avenida das Rendeiras, havia as rendeiras, batendo seus bilros, em suas casas, abertas ao público, onde também vendiam as suas rendas. Atualmente, a maioria das rendeiras passaram para o Casarão da Lagoa. (Rendeira de 69 anos).*

O Casarão da Lagoa, Centro Cultural Bento Silvério, espaço que antigamente abrigava a estação radiotelegráfica, que dava suporte à navegação costeira e

transatlântica da região, tombado em 1985, devido ao seu grande valor histórico para o município, foi restaurado, revitalizado e cedido pela prefeitura para a comunidade, para sediar manifestações artísticas e culturais que estão intimamente ligadas à cultura local, dentre estas, as rodas de rendeiras com suas ratoeiras.

Figura 19 – Foto do Mural do Casarão Bento Silvério, na Lagoa da Conceição, Florianópolis



Fonte: Autoria própria, 2022.

Na visita ao Casarão da Lagoa, como é chamado popularmente, encontrei algumas rendeiras trocando seus bilros e cantando a ratoeira. Elas ficaram muito felizes com a visita e com o interesse pela sua atividade. Ali, as falas não eram diferentes das que foram ditas nos outros locais de rendas. A maioria das meninas ali

presentes tinham grande longevidade no ofício e contavam histórias da infância como rendeiras. A seguir a foto da conversa com as rendeiras em atividade no Casarão:

*A gente não aprendia a fazer bonecas, aprendia a fazer renda de bilro. (Rendeira de 84 anos).*

*O pai trabalhava na lavoura de café e eu e a mãe fazíamos umas rendas para ganhar um dinheiro para comprar roupa e alguma coisa para casa. (Rendeira de 80 anos).*

*Nós rendeiras, gostamos do que fazemos e não conseguimos ficar sem nossa almofada e nossos bilros, mas a gente não pode mais fazer pelo dinheiro, não vale a pena. (Rendeira de 69 anos).*

*Quando o pai levava as frutas para vender, a mãe mandava as rendas junto para vender. (Rendeira de 76 anos).*

*Eu fiquei 30 anos trabalhando em loja e quando me aposentei, voltei a fazer renda, como eu fazia quando era criança. É bom porque lembra da mãe. (Rendeira de 70 anos).*

*Naquele tempo a gente não saía da Lagoa pra nada. Só os pais iam para a cidade. A gente brincava pouco, ficava brincando de fazer renda(risos). (Rendeira de 87 anos).*

*Antigamente a gente aprendia com as mães, hoje as filhas das rendeiras não se interessam por aprender. Hoje em dia, até gente de fora vem aprender nas oficinas. As rendeiras ensinam de forma particular, para ganhar um dinheirinho. (Rendeira de 70 anos).*

Figura 20 – Foto da Visita às Rendeiras em atividade no Casarão da Lagoa da Conceição, Florianópolis



Fonte: Autoria própria, 2022.

Na ocasião desta visita, a recepcionista do Casarão pediu meus dados, para colocar no histórico de visitantes da casa e informou que além das rendeiras, no interior do prédio, havia a praça externa, onde ocorrem diversas atrações e estava tendo a Mostra de Cinema Brasil, com diversas atrações.

Os relatos dessas rendeiras evidenciam se tratar de um produto que depende da criatividade para ser produzido e que o mesmo gera trabalho e renda para as rendeiras, o que lhe atribui a classificação como produto criativo, pertencente à classificação da economia chamada de economia criativa. A renda de bilro enquanto produto cultural é produzida e comercializada com os turistas, que visitam a cidade e os espaços turísticos chamados de lugares de renda, os espaços apresentados anteriormente, destinados aos encontros das rendeiras, para produção, divulgação e comercialização dos seus produtos.

O outro local de visita aos rastros, foi bem no centro da cidade, no Mercado Público Municipal, onde encontrei o seu Dinho. Segue registro na figura 21.

Figura 21 – Foto do bonequinho que homenageia o Seu Dinho, Rendeiro



Fonte: Autoria própria, 2022.

No Centro da Cidade, no Armazém da Renda, conversei com o rendeiro Dinho, que nasceu em 1956, no Pântano do Sul, era filho de pai militar e aos 15 anos aprendeu a fazer renda com sua prima Nezinha, escondido do pai.

É conhecido como o primeiro rendeiro da Ilha, mora no Pântano do Sul, trabalha com as rendeiras do Mercado Público do município, comercializando a sua arte e ministrando aulas e cursos. Protagonista do documentário “As rendas de Dinho”, que foi exibido em diversos países e premiado em festivais de cinema.

O Armazém da Renda no Mercado Público é um local que abriga muitas memórias e rendas de rendeiras de diversos pólos, que deixam seus trabalhos lá, para serem comercializados.

Antes de apresentar as considerações com base nos objetivos, quero compartilhar alguns achados da pesquisa, que julguei serem relevantes para a discussão.



## 10 O ENXOVAL FEITO DE RENDA DE BILRO - ACHADOS DA PESQUISA

Após o percurso junto às rendeiras e o rendeiro, perseguindo os rastros dos bilros, encontrei algumas questões que me chamaram atenção e gostaria de compartilhar:

- a) A localidade, habitada por índios carijós, recebeu colonizadores portugueses, colonizadores espanhóis e ingleses e escravos africanos para trabalharem nas lavouras. Optou por se considerar uma comunidade com cultura portuguesa, ou como falam historiadores locais, com cultura de base açoriana.
- b) Em Salvador, onde estive recentemente, também encontrei rastros arquitetônicos da colonização portuguesa, porém, com predomínio dos traços da cultura oriunda dos povos africanos, onde mesmo nas casas com “eira e beira”, se tem a presença dos orixás. Chamou minha atenção o fato do bombardeio dos prédios históricos do governo em Salvador que resultou na queima de documentação histórica e milhares de livros antigos da Biblioteca Pública, às ordens do Marechal gaúcho, Hermes da Fonseca. A queima da história poderia ter influenciado para a prevalência de uma cultura autóctone com fortes rastros da cultura afro descendente? Tal cultura, que tem como símbolo o samba, gênero musical trazido pelos escravos africanos, foi adotado na década de 30, por outro presidente gaúcho, Getúlio Vargas, como recurso em seu projeto de construção da identidade e nacionalidade do brasileiro. O estilo musical originário dos escravos, estava em grande popularização devido ao alcance do rádio.
- c) Em Florianópolis, na Revolução Federalista, período que antecedeu a queda da monarquia, conforme visto na obra de Franklin Cascaes, houve o fuzilamento, pelas tropas de Floriano Peixoto, na Ilha de Anhatomirim, de centenas de federalistas capturados e diversos habitantes inocentes. Chama atenção o fato da cidade ser homenageada com o nome do Marechal, representante da coroa, o qual mandara fuzilar seus inocentes e buscar manter viva a memória da colonização, diferente do que houve em Salvador. Se tem aí, razões memoriais diversas.

- d) Outro achado da minha pesquisa é a história da inserção da mulher catarinense no mercado de trabalho como rendeira, que é similar à própria história da inserção da mulher no mercado de trabalho nos períodos da primeira e segunda guerras mundiais, quando enquanto os homens foram para a guerra, as mulheres assumiram a responsabilidade pela casa e pelo sustento da família. Em Florianópolis, no caso das rendeiras, enquanto os homens se lançavam ao mar, para a prática da pesca, atividade exclusiva dos mesmos, as mulheres ficavam cuidando da casa, dos negócios e fazendo renda de bilro, para ajudar no sustento.
- e) Outro fato que chamou minha atenção, foi o da Petrobras, Empresa Brasileira de Exploração e Produção de Petróleo e Gás, investir em Projeto para o Empreendedorismo das Rendeiras de Florianópolis e mais ainda, ser um projeto de grande investimento na área e o mesmo não ser lembrado pela maioria das rendeiras, com as quais estive em contato, nos espaços do Centro da Cidade.
- f) A formação do imaginário de que Florianópolis é uma cidade de cultura Europeia teria vindo de experiências dos turistas, que percebiam os rastros memoriais e comunicavam para futuros visitantes, além da arquitetura açoriana, que é uma questão mais visual, em Florianópolis há a experiência do fazer artesanato típico, que só consegue ter, quem vai até a cidade e confirma o imaginário de que há, de fato, uma cultura de base açoriana passada de geração em geração.

A seguir, as considerações finais, com base nos objetivos.

## 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a memória o coração do funcionamento intelectual humano, que vem de uma imaginação que considera o presente e o futuro em seu meio social, em Florianópolis, eu percebi, claramente, que o presente tenta manter as lembranças de um passado açoriano do município, rememorando os casos de sucesso dos casais que para cá vieram, atraídos pelas promessas dos editais de migração para o Brasil.

Por outro lado, vejo o recurso do esquecimento utilizado para fazer sucumbirem os rastros de um passado de fome e regime de trabalho degradante nas lavouras de cereais, que em vez de alimentarem suas famílias, eram exportados pelos senhores feudais da Ilha de Açores em troca de um orgulho de ser açoriano em Florianópolis.

Também entendo como alvo de esquecimento, os extermínios dos índios carijós que habitavam a ilha duzentos anos antes da chegada dos europeus. Os carijós dominavam a agricultura e produziam artigos em cerâmica. Não apresentaram hostilidade aos colonizadores e então passaram a ser aprisionados, escravizados e vendidos, sendo que uma grande parcela resistiu às doenças dos brancos, como sarampo, rubéola, tuberculose, etc.

Em seu livro, *A memória, a história, o esquecimento*, traduzido em 2007, Ricoeur, confia na capacidade da memória de tentar compreender o significado da anterioridade e, ao mesmo tempo, admite usos e abusos para o esquecimento. Ao encontro do entendimento do autor, encontrei no meu estudo o que eu chamei de uma significação dá para a origem, uma busca de criação memorial positiva na cidade (turística) Florianópolis. Também entendo que ocorre o impedimento intencional de buscar os rastros da origem sofrida do povo ilhéu.

Nesta capital que vive do turismo, eu compreendo que há um apagamento intencional dos rastros da origem indígena e escravista em prol da formação do imaginário da ilha da magia, isto porque o imaginário cultural é formado pela aceitação de valores culturais do local visitado, como manifestação multicultural que une o inventado, o falso e o real. Por outro lado, como o autor comenta, existe a persistência dos rastros, eles consistem em marcas exteriores que permanecem em nosso espírito. Há quem diga que o Arquipélago de Açores é o que restou do continente submerso de Atlântida e esse povo, com esse espírito veio colonizar Florianópolis. Não é uma linda versão dos fatos? Não é uma história que uma família que esteja de férias, gostará de saber?

Transmitir uma memória, segundo Candau (2021), é fazer viver uma identidade. Françoise Zonabend (apud Candau 2021), afirma que existe uma psicologia silenciosa no ver-fazer que assegura um saber impossível de obter integralmente do exterior, uma vez que os conceitos fundamentais estão intrínsecos no espírito do transmissor. Me apoio na fala dos autores para afirmar que para ser rendeira, não basta saber fazer renda, assim como para ser açoriano, não precisa nascer em Açores. Com os signos dando um suporte material, uma representação figurada, é possível ser açoriano, tendo nascido em Florianópolis. Será?

Lendo *O fio e os rastros*, de Carlo Ginzburg (2007, p. 156), encontrei uma citação de Hobsbawm, onde pondera que “as aspirações cognitivas da historiografia, a partir dos movimentos sociais dos anos 60, fizeram com que a história, mais do que nunca, fosse revista ou inventada por gente que não deseja o passado real, mas sim, um passado que sirva aos seus objetivos”. Analisando a questão da açorianidade em Florianópolis em paralelo com as promessas não cumpridas dos editais de migração e as demais culturas esquecidas, não consigo não me questionar sobre os interesses da cultura dita açoriana de Florianópolis.

A renda de bilro, um elemento da identidade cultural de Florianópolis, que, em outubro de 2015, na Câmara Municipal, foi instituída como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial na cidade possui uma origem que pode recorrer até à mitologia, é produzida pelas mulheres, para ajudar no sustento de suas famílias e considerada parte do folclore de Florianópolis. Está, a cada dia, mais em evidência nos locais turísticos da cidade. Locais estes, de onde os visitantes querem levar consigo, não somente o produto cultural, mas a história de vida do local. O turista leva, em sua bagagem, o que experienciou e neste sentido os operadores do turismo usam elementos que irão contribuir para a criação, manutenção e disseminação do imaginário turístico de que Florianópolis é uma capital brasileira de cultura açoriana.

Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é exemplo de uma das preocupações propriamente humanas, a de fazer memória. A renda de bilro, trazida pelos portugueses está presente em diversos bairros da cidade e, relata uma rendeira com a qual conversei, que no sul da ilha foi criado um tipo de renda diferente, chamado Renda de Tramóia, uma variação do ponto básico pano, trabalhado com sete pares de bilros. No norte da ilha, é mais comum a ocorrência da renda de ponto tradicional. Esta variação, segundo as rendeiras, ocorre porque, como é uma arte que era passada em família, o ponto que era ensinado, era o que

predominava. Porém, não quer dizer que as rendeiras do sul, não saibam fazer outros tipos de pontos.

Atualmente, um grupo de rendeiras que visitei acredita que a renda está em declínio na cultura de Florianópolis, uma vez que não é mais ensinada nas casas e que não há incentivo para a ocorrência das oficinas, mas creem também que devido à escassez, a renda terá seu preço elevado em alguns anos e com isso se inicia um novo ciclo, de interesse em fazer renda para ganhar quantias mais significativas de dinheiro.

Na cidade de Florianópolis, foi instituído o dia da rendeira e do rendeiro, uma homenagem do município aos representantes desta atividade tradicional trazida com os imigrantes, uma valorização do ofício, estabelecida por Lei Municipal. A criação da data representa uma intenção do governo local em enaltecer a arte herdada dos primeiros colonizadores.

Por força de lei também foram criados os espaços destinados a fabricação, venda e divulgação da arte, assim como foram estabelecidas as rendas de bilro como patrimônio cultural imaterial pelo Iphan.

Complementando o interesse do município e da sociedade pela renda de bilro, diversos projetos de investimentos na cultura foram desenvolvidos na cidade, tanto pela iniciativa privada, como, por exemplo, exposições em feiras de empreendedorismo, festivais que envolvem os turistas e em especial, trago o projeto realizado em parceria pela FEPESE/UFSC e pela Petrobrás, que contou com um investimento de cerca de R\$ 2.000.000,00. O projeto visava profissionalizar e ensinar as rendeiras a se tornarem empreendedoras, vendo o seu ofício como negócio e percebendo maneiras de agregar valor às peças.

O projeto em questão contou com intercâmbio de rendeiras do Brasil para Açores, em Portugal, e Camarinas, na Espanha, onde há um grande polo produtor da renda de bilro. Além do intercâmbio internacional, houve o intercâmbio interestadual, que promoveu conhecimento, experiência e visão mais empreendedora nas rendeiras envolvidas. Durante a execução do projeto, que levou em torno de dois anos, os polos municipais produtores de renda contaram com acesso à internet, que hoje não possuem mais. Com a internet paga pelo projeto, as rendeiras conseguiam compartilhar conhecimentos com outras comunidades, oferecer seus produtos e informar ao turista como encontrá-las. Atualmente, só constatei a presença deste serviço no casarão da Lagoa e no Armazém da Renda no Mercado Público.

Durante praticamente três anos eu busquei estar em contato com rendeiras e acompanhar a sua labuta diária. É encantador ver tanto trabalho, tanta alegria nas ratoeiras e tão pouca remuneração. Parece que o município precisa da rendeira para ajudar a atrair o turista, mas, por outro lado, não têm investido na contrapartida equivalente.

Não posso deixar de fazer uma ressalva ao fato de estarmos saindo de uma pandemia, momento em que todos os esforços da esfera pública tiveram que ser direcionados para a saúde, podendo ter sido deixada de lado a questão da cultura e do turismo. Espero poder continuar acompanhando as rendeiras e entrando mais nas ratoeiras para fazer versos aos turistas e quero muito poder ver a esfera pública, a privada e a sociedade, valorizando muito a cultura das rendeiras, que são as guardiãs da cultura de base da origem do município que foi e é aceita pelo coletivo.

Desejo, do fundo do meu coração, que os visitantes tenham um imaginário de que em Florianópolis existe muito além de lindas praias, belas mansões e culinária diversificada, existe também uma cultura de muito trabalho das mulheres, esperando para ser valorizado. Ser decretado patrimônio cultural, infelizmente, não é suficiente, as rendas precisam ser valorizadas e perpetuadas, o que só acontecerá quando tiverem um preço justo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O legado da rememoração: traços e vestígios memoriais nas américas. **Alea: Estudos Neolatinos** [online]. 2013, v. 15, n. 1, pp. 58-79. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2013000100005>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- BAGNO, Silvana. **Memória, pertencimento e identidade em narrativas de moradores do Fallet**. 2016. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese65.pdf> . Acesso em: 21 nov. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Soc. Ind. Gráfica Telles da Silva Ltda, 1979. 118 p. (Edições 70). Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020.
- BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (org.) **Estudo de competitividade de produtos turísticos**. Brasília, DF: SEBRAE, 2011.
- BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (org.). **Índice de Competitividade do Turismo Nacional (Recurso eletrônico)**: destinos indutores do desenvolvimento turístico regional: relatório Brasil 2014. Brasília, DF: SEBRAE, 2014
- BERGAMIN, C. A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis a partir de 1900 e a sua continuidade no tempo presente. **Revista Santa Catarina em História** - Florianópolis, v.7, n.1, 2013.
- BERND, Zilá. **Vestígios memoriais**: fecundando as literaturas das Américas. *Conexão Letras*, n. 6, 2011.
- BERND, Zilá; DUARTE, Keley B.. Da memória cultural à memória saturada: revisão dos conceitos na perspectiva de Régine Robin. In: Zila Bernd; Cleusa Maria Gomes Graebin. (Org.). **Memória social**: revisitando autores e conceitos. 1. ed. Canoas RS: LaSalle editora, 2018, p. 39-54.
- BRASIL. IBGE – Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Florianópolis, Santa Catarina. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. A cultura e a tradição no imaginário social: ação simbólica no patrimônio e no turismo. **Revista Turismo y Desarrollo Local**, [s. l], v. 7, n. 17, p. 1-19, dez. 2014. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/17/patrimonio.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRUSSI, Júlia Dias Escobar. **Batendo bilros**: rendeiras e rendas em Canaan (Trairi – CE). 2015. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BUETTGEN, J. J.; FREDER, S. M. Indústrias Criativas: o lugar em que criatividade gera valor. In: BUETTGEN, J. J.; FREDER, S. M. (Org.). **Economia Criativa**: Inovação, Cultura, Tecnologia e Desenvolvimento. Curitiba: Juruá. Editora, 2015. p. 107-116.

CABECINHAS, Rosa. Luso(Afonias). Memórias cruzadas sobre o colonialismo português. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 16-25, maio-ago. 2019.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de Memória e Políticas Públicas de Preservação do Patrimônio: Interfaces Com o Turismo Cultural. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, Vol. 13, nº 2, p. 149-165, mai-ago., 2011.

CLETISON, Joi. Arquipélago dos Açores e Litoral Catarinense: século XVIII a XXI. Século XVIII a XXI. 2011. **Revista Educação em Linha**. Disponível em: [https://nea.ufsc.br/files/2011/07/artigo\\_revista\\_EducacaoemLinha\\_2011.pdf](https://nea.ufsc.br/files/2011/07/artigo_revista_EducacaoemLinha_2011.pdf). Acesso em: 24 nov. 2020.

CLETISON, Joi. **Núcleo de Estudos Açorianos** – 30 anos de história (1984 a 2014). Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://nea.ufsc.br/artigos/artigos-joi-cletison-2/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CORÁ, M. A. J. Políticas públicas culturais no Brasil: Dos patrimônios materiais aos imateriais. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. p. 5, p. 1093–1112, 2014. <https://doi.org/10.1590/0034-76121497>. Acesso em: 24 nov. 2020.

DOS SANTOS, C. J. Necessidades De História: Os Usos da Memória da Construção da Cidadania Cultural. **Políticas Culturais Em Revista**, v.6, n. 1, p. 54–70, 2013.

DODEBEI, Vera et al. (org.). Por que memória social? **Revista Morpheus**: Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 1-378, 2016. Edição Especial. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ELLIS, H. C.; HUNT, R. R. **Fundamentals of cognitive psychology**. Madison: Brown Benchmark, 1995.

FIRJAN. **Desenvolvimento Municipal Ano-Base 2016**. Recorte Municipal Abrangência Nacional. IFDM 2018. Publicações FIRJAN. Pesquisas e estudos socioeconômicos. Índice Firjan. Disponível em: <http://publicacoes.firjan.org.br/ifdm2018/files/assets/common/downloads/publication.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. (T. Costa, Trad.). Lisboa: Teorema, 1992.

GANEM, M.. **Design dialógico**: uma estratégia para gestão criativa de tradições. Dissertação, Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2013.

GOHR, Cláudia Fabiana; SANTOS, Luciano Costa; VEIGA, Mariana Feminella. A informação como um elemento chave para a qualidade do produto turístico: uma análise dos postos de informações turísticas do município de Florianópolis/SC. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 169-186, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362009000200012>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 2005. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

HICKENBICK, Claudia et al. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial em Santa Catarina e as suas relações com o turismo cultural. **Turismo: Visão e Ação**. v. 23, n. 2, pp. 415-434, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n2.p415-434>. Acesso em: 27 jun. 2022

LACERDA, Lucas Antônio. **A representação da identidade do ‘manezinho’**: entre a arte e a vida. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122681/326632.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

LEIS MUNICIPAIS de Santa Catarina, Florianópolis. **Lei nº 5847**, de 04 de junho de 2001. Cria a Denominação Oficial das Praias, no Município de Florianópolis e dá Outras Providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2001/585/5847/lei-ordinaria-n-5847-2001-cria-a-denominacao-oficial-das-praias-no-municipio-de-florianopolis-e-da-outras-providencias?q=bilro>. Acesso em: 04 mai. 2022.

LEIS MUNICIPAIS de Santa Catarina, Florianópolis. **Decreto nº 14.800**, de 17 de junho de 2015. Aprova o Regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/2015/1480/14800/decreto-n-14800-2015-aprova-o-regulamento-do-mercado-publico-municipal-de-florianopolis-2015-10-28-versao-compilada>. Acesso em: 04 mai. 2022.

LEIS MUNICIPAIS de Santa Catarina, Florianópolis. **Lei Complementar n. 596**, de 27 de janeiro de 2017 - dispõe sobre a estrutura organizacional da administração pública do poder executivo municipal de Florianópolis, reestruturação de cargos, estabelece princípios e diretrizes de gestão e adota outras providências.

LUZ, Geovana Alves da. **De artesanato a tradição**: a preservação da prática da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. 2016. 124 f. TCC (Graduação) - Curso de

Museologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Cap. 3. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171278/TCC\\_geovana\\_alves\\_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171278/TCC_geovana_alves_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 nov. 2020.

MACHADO, Gabriel Simon; NEVES, Larissa. Presença judaica em Santa Catarina: os embates políticos entre o Partido Judeu e o Partido Cristão na Ilha do Desterro. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 46-56, 2016. Disponível em: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/1861/1116>. Acesso em: 18 nov. 2016.

MASTRODI, Josué; IFANGER Fernanda Carolina de Araujo. Sobre o conceito de Políticas Públicas. **Revista de Direito Brasileira**, Florianópolis, SC. v. 24, n. 9, p. 05-18, set./dez. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/343186998\\_sobre\\_o\\_conceito\\_de\\_politicas\\_publicas](https://www.researchgate.net/publication/343186998_sobre_o_conceito_de_politicas_publicas). Acesso em: 28 jun. 2022

MAKOWIECKY, Sandra; CHEREM, Rosângela Miranda (orgs.). **Passado-presente em quadros**: uma antologia da história da arte em Santa Catarina, Florianópolis: AAESC, 2019.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA/UFSC – MARquE. **MARquE Virtual**: Exposição Cascaes no MARquE. 2022. Disponível em: <https://museu.ufsc.br/marque-virtual/cascaes-no-marque/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, n.10, p.7-28, dez. 1993.

ROTEIRO DAS MANIFESTAÇÕES Culturais do Município de Florianópolis. Elaboração da Equipe Técnica da Coordenadoria de Patrimônio Cultural da Fundação Franklin Cascaes; ilustrações de Maurílio Roberge. 2. ed. rev. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995. (Cadernos de Cultura, 03).

GRAVARI-BARBAS, Maria; GRABURN, Nelson. Imaginários turísticos. Traduction de Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, **Via Tourism Review**, 1, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/viatourism/1189>. Acesso em: 08 jul. 2022.

RUIZ, T. C. D.; HORODYSKI, G. S.; CARNIATTO, I. V. A Economia Criativa E O Turismo: uma análise do projeto soucuritiba, de curitiba-paraná-brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 16, n. 2, p. 145-169, 28 maio 2019.

SANTOS, Jean Carlos Vieira; SILVA, João Albino. Arte popular criativa e turismo cultural na cidade de Loulé (Algarve/Portugal). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 2, p. 212-232, 10 maio 2016. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1060/712>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SANTOS, João; CARVALHO, Rui; FIGUEIRA, Mota. A importância do turismo cultural e criativo na imagem de um destino turístico. **Revista Turismo & Desenvolvimento**. Luísm., vol. 3, p. 1559-1572, 2012.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SILVA, Fabíola Fernandes; BEZERRA, Leandro Tavares; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Imagem e Imaginário como componentes da construção da Experiência Turística do viajante. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 19, n. 2, p. 1-14, Disponível em: [file:///C:/Users/denis/Desktop/Dropbox/My%20PC%20\(DESKTOP-0TMKC6P\)/Downloads/1389-5480-1-PB%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/denis/Desktop/Dropbox/My%20PC%20(DESKTOP-0TMKC6P)/Downloads/1389-5480-1-PB%20(7).pdf). Acesso em: 22 nov. 2020.

SILVA, Márcia Alves Soares da. **Cultura Açoriana no Contexto da Cidade-Mercadoria**: da Invisibilidade à Mercantilização em Florianópolis – SC. Caminhos de Geografia. VL - 17 – 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/30804\\_2017\\_cultura\\_acoriana\\_no\\_contexto\\_da\\_cidade-mercadoria\\_da\\_invisibilidade\\_a\\_mercantilizacao\\_em\\_florianopolis\\_-\\_sc](https://www.researchgate.net/publication/30804_2017_cultura_acoriana_no_contexto_da_cidade-mercadoria_da_invisibilidade_a_mercantilizacao_em_florianopolis_-_sc). Acesso em: 8 jul. 2022.

SOARES, Doralécio. **Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis. F. C. C., 1987.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidades, experiência e narração. 2. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014. NEMEC - Núcleo de Estudos sobre Memória e Cultura. Disponível em: [http://editora.upf.br/images/ebook/nas\\_cercanias\\_da\\_memoria.pdf](http://editora.upf.br/images/ebook/nas_cercanias_da_memoria.pdf). Acesso em: 18 nov. 2020.

TOTH, Nicole Aparecida Santos Abbondanza. Memórias do Café e da Imigração Italiana. **História**: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 8, n. 1, p. 136-157, 2018. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21747/0871164x/hist8a8>. Acesso em: 22 nov. 2020.

TODESCAT, Marilda; STELZER, Joana (Coors.). **Empreendedorismo nas Rendas de Bairo**: formação de competências e Comércio Justo para as mulheres rendeiras da Ilha de Santa Catarina. Relatório Final de Pesquisa. Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://projetos.fepese.org.br/relatorio/arquivos/diverssos/242014/Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20Projeto%20Ilha%20Rendada%202016%20-%20Final.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC. **A prática da renda de bairo em Florianópolis**. 2021. Disponível em: <https://floripaearendadebairo.paginas.ufsc.br/mapa-da-renda-florianopolis/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

VIA TOURISM REVIEM. **Imaginários Turísticos**. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/viatourism/1189>. Acesso em: 8 jul. 2022.

VIAGGI, Miglioni. **Mapa e Regiões de Portugal**. 2015. Disponível em: <https://www.miglioriviaggi.com.br/2015/07/mapa-e-regioes-de-portugal.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

WENDHAUSEN, Maria Armênia Müller. **Renda de bairros – um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis**. Blumenau: Nova Letra, 2015.

ZOTTIS, Alexandra Marcella. **Da cucagna ao sanguanel**: considerações sobre imagens e imaginários da imigração italiana no Rio Grande do Sul. 2005. Disponível em: <https://fundacao.ucs.br/site/midia/arquivos/gt6-da-cucagna.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.